

TU

EDIÇÃO 012 - ANO 02

TU É GATA ARIEL BAIZI

PRA QUE IR LÁ FORA
SE PODEMOS PASSAR
UMA TARDE PREGUIÇOSA
EM CASA?

TU ENTREVISTOU RENAN FACCINI

CONVERSAMOS COM
"THE CROW" SOBRE
TUDO, INCLUSE
BODYBOARD

TU PELO MUNDO ORLANDO FLORIDA

EMBARQUE COM
A GENTE NUMA VIAGEM
EM FAMÍLIA PARA OS
PARQUES DA DISNEY

Quem nunca ouviu aquela famosa frase que diz “O ano só começa depois do Carnaval”? Pois é, no Brasil essa sentença vale para muitas pessoas, mas para nós, não. Trabalho duro antes e durante o Carnaval, para entregar para vocês uma edição cheia de conteúdo interessante. Não sei quanto a vocês, mas por aqui, temos a sensação de que esse ano começou mais agitado, as pessoas estão mais preocupadas com a situação do país, com a crise e com a política, afinal, esse ano teremos eleições. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo para esperar o Carnaval passar, não é?

SOBREVIVEMOS AO CARNAVAL!

E não dormimos no ponto, entregamos a primeira edição desse ano. Fotografamos a belíssima Ariel, dona de um sorriso contagiante e que certamente encantará você, amigo leitor, com suas fotos e seu carisma. Na seção **TU Pelo Mundo**, Thiago Souto, um dos criadores da Revista TU, conta como foi a viagem com a família para a Disney, terra mágica, que não cativa apenas crianças, mas também marmanjos. Em **TU Entrevistou**, conversamos com o santista, bodyboarder, Renan Faccini, garoto prodígio, respeitado no mundo inteiro pelas manobras, prêmios, fotos, vídeos e ideias. Na seção **TU Tem o Que Falar**, falamos da Blaster, a resistência do Rock na cidade de Santos, em um papo muito animado e muito inteligente com o proprietário, Rafael Paulino (ou simplesmente, Rafa). E claro, as habituais seções fixas de sempre, dando dicas de onde comer em Santos e na Capital Paulista, além de dicas culinárias, cervejas, vinhos e discos, para quem quer fugir dos samba enredos.

Ah sim, 2018 além de ter eleição, terá Copa do Mundo. Já ouvi gente por aí dizendo que o ano só começa depois da Copa... confere? Haja festa nesse país! **TU**



FERNANDO DE SANTIS



THIAGO SOUTO

ELES FAZEM A TU

textos

\aline araujo
\danilo rocha
\fernando de santis
\nícolas póvoas
\thays cardozo
\thiago souto

fotos

\fernando de santis
\rudolph lomax
\thiago souto

diagramação
\thiago souto

revisão

\mariana tassi

maquiagem

\aline malafaia
instagram.com/alinemalafaia



#04
TU ENTREVISTOU

#16
TU PELO MUNDO



#30
TU É GATA

#46
TU TEM O QUE FALAR



#52
TU NA COZINHA

#58
TU COMEU



RENAN FACCINI THE CROW

texto
\\ thiago souto
fotos
\\ rudolph lomax
\\ thiago souto

Quem vê o Renan Faccini à primeira vista, pode achar que ele toca numa banda de rock. Todo tatuado, com o cabelo descolorido, camisa preta e óculos escuros. O cara chama atenção. Mas o que muita gente não sabe é que Renan é um dos maiores atletas *free surf* de bodyboarding do Brasil e do mundo. Além disso, ele é um empreendedor nato, com marca própria de prancha, e um inventor. E só tem 28 anos de idade. Se você pensa que o dia-a-dia de um cara desses tinha que virar filme, fique tranquilo que já virou dois. E vem aí o terceiro. Um cara desses vale muito a pena entrevistar! Então confira nosso papo com Renan Faccini, The Crow.



**“MINHA
PAIXÃO COMEÇOU
NATURALMENTE.
TIVE ACESSO AO MAR
NA CALIFORNIA E
COMECEI A SURFAR
DE BODYBOARD.”**

Abaixo, Renan manda um aéreo. Ele parece não ter medo das ondas. Se joga de corpo e alma no mar. É com este estilo que ele conquistou o mundial de *free surf*. Na página ao lado, com seu estilo fora dos padrões do surf, Renan chama a atenção não só dos fãs de bodyboard, mas também dos patrocinadores.

TU – Conta pra gente como e quando começou sua paixão pelo bodyboarding?

Renan Faccini – Minha paixão começou naturalmente. Tive acesso ao mar na Califórnia e comecei a surfar de bodyboard. Aí, fui pra prancha, até que comecei a ter um *feeling* mais pra surfar ondas cavadas, uma pegada um pouco diferente do surf. Naquela época, o surf era onda mais cheia, *cutback*, e eu queria mais manobra aérea. Me identifiquei mais com o bodyboard. Então, voltei para o Brasil depois que começou a guerra, por causa do 11 de Setembro. Começou a ficar feia a coisa por lá, aí a minha família resolveu. Minha mãe ficou lá trabalhando, meu pai também, e eu vim pra cá e comecei a ter mais acesso ao mar daqui. Eu era pequeno, comecei a pegar as ondas e foi aqui que começou a tomar um rumo mais profissional.

TU – E você começou como profissional, correr circuito...

RF – Comecei a correr os estaduais, meu primeiro campeonato. Eu já andava com o pessoal que organizava o evento e, no meu primeiro campeonato, já viram que tinha surf um pouco mais evoluído para competir no iniciante. Eu tinha idade pra ficar na iniciante, mas me fizeram entrar como amador. Falaram pra competir como iniciante, tentar ganhar o título e já ir me acostumando com o amador, para no próximo ano estar melhor. Mas aí, no mesmo evento, acabei ganhando a etapa de iniciante e amador. Comecei a ter resultados logo de cara. Fui campeão amador

e campeão profissional, mas comecei a não ter muito prazer em competição. Começou a se transformar aquele negócio meio chato, de precisar competir, precisar de resultado. Aí, nesse estresse de competir, já desde a época que comecei a competir Circuito Mundial, comecei a postar umas imagens e comecei a me dar bem. Comecei a ter mais acesso de redes sociais, que na época que não tinham tantas e não era tão forte assim. Hoje, eu tenho um pouco mais de força do que a maioria dos atletas nas redes sociais. Agora eu não estou mais competindo. Só me dedico ao *free surf*.

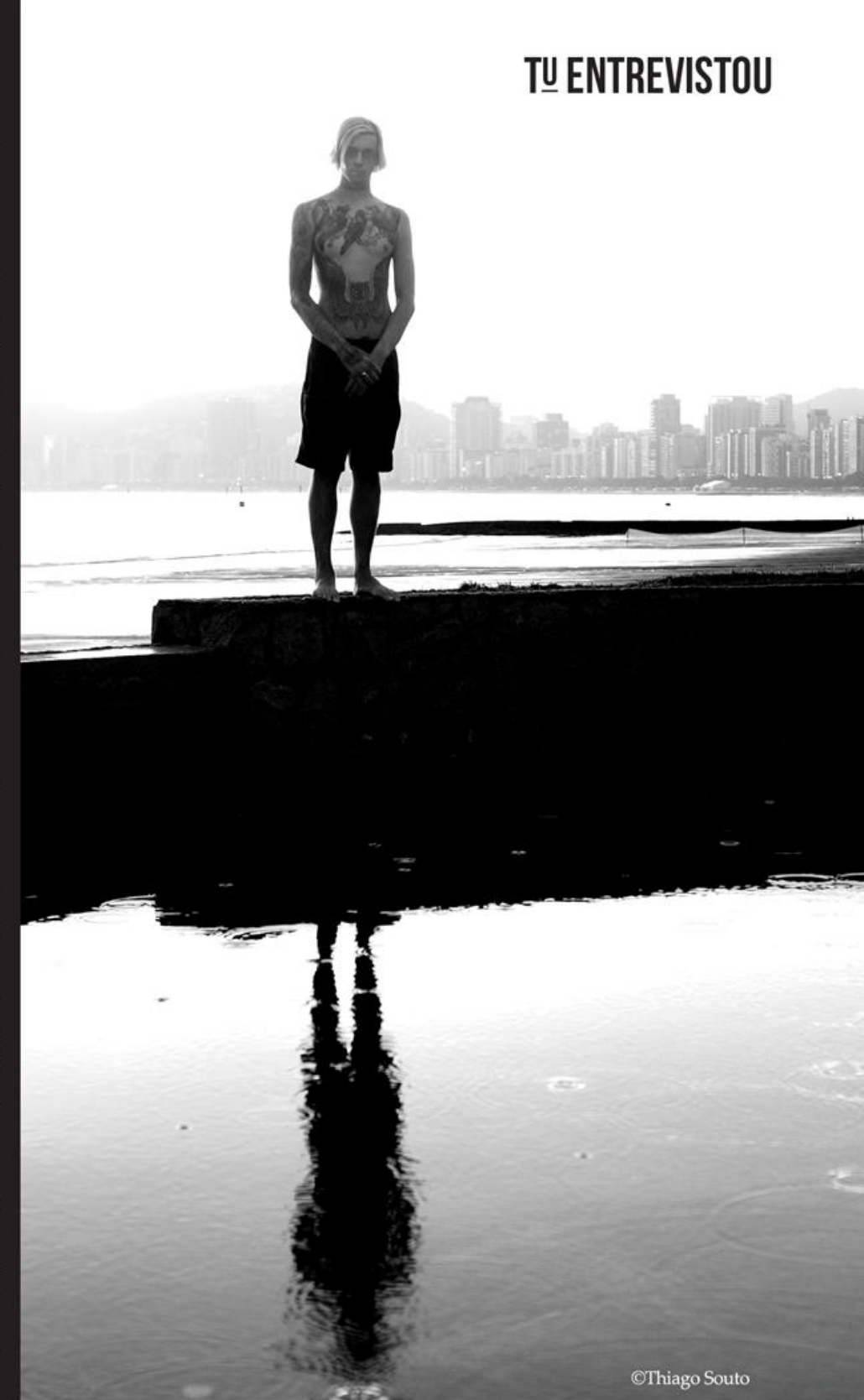
TU – E como foi essa decisão para passar para o *free surf*?

RF – Cara, essa decisão... Eu competi a etapa do Mundial no Peru, tive bons resultados. Comecei de baixo, das triagens, sem pontuação. Entrei pro evento final e fui até as semis, quase fui podium. É muito difícil, porque normalmente as pessoas vão *rankeando* pontos. Você somou tantos pontos, passou duas baterias e não passou mais. Aí, tu soma pontos e na próxima etapa, você já entra lá na frente... E eu comecei, mas eu não tinha aquela pegada... Putz, pra mim não tinha muito significado, não tinha aquela garra. Se eu vencesse o evento, legal, mas eu não tinha aquele... “Putz, é o que eu quero!” Aí, comecei a ter marcas interessadas em patrocinar, simplesmente pra eu usar a *brand*, pra eu divulgar, e aí me senti melhor desse jeito.

TU – E a família? Como encara você ter o esporte como ganha pão?

RF – Sempre me falaram: “Você tem que estudar. Procurar as coisas, ver alguma coisa...” Mas hoje em dia, com as estreias dos

filmes, patrocinadores, tudo que tem rolado... Hoje moro sozinho, sempre paguei aluguel, pago tudo, não usufruo de nada da família. Então, hoje eles enxergam de uma maneira mais profissional. Eles aceitaram, afinal o negócio dá certo.



©Thiago Souto



©Rudolph Lomax

Além do lado atleta, Renan tem um lado empreendedor muito forte e também tem um pouco de inventor. Sua grande invenção é o *slasher pull*, uma máquina capaz de puxar o bodyboarder a uma velocidade de 60km/h. Assim, ele pode fazer manobras, como na foto da página ao lado, em qualquer onda.

TU – Você não surfa todo dia, até porque não tem onda. Como você faz pra treinar? Você faz algum tipo de preparação específica?

RF – Hoje em dia, eu tomo um rumo meio que de empresário. Eu tinha uma marca própria, Skull Boards, que foi vendida. Porque era outra visão da sociedade, das pessoas envolvidas... outra pegada. Agora, estou começando uma marca nova do zero. Minhas ideias próprias. E isso toma muito meu tempo. Quando não estou surfando, estou fazendo isso. Fora os projetos. Aprovamos um projeto em lei, pela Lei Rouanet, então é documentação e reuniões com empresas. E eu também faço um treino na Saúde Integrada, com o Bruno (Brito), que é profissional. O cara é bom! Quando me machuco, ele me dá um atendimento. A gente acaba se machucando, essa é a minha vida. Ou tô treinando ou estou no Bruno, recuperando de alguma lesão. Ele cuida do pessoal do jiu jitsu, o (Marcus) Buchecha, então ele tem um *know how*. Então, ou eu estou nisso, ou estou correndo atrás dos projetos. Enquanto não rola onda, tô nessa função.



TU – Como foi a invenção da *slasher pull*? Da onde veio essa ideia?

RF – Ele já existia, o nome é *winch*. É um guincho portátil que os caras do wakeskate inventaram, para poder tornar o esporte mais acessível, sem ter que ficar pegando uma lancha ou um jetski. Eu dei uma olhada e fiquei impressionado. Vi que dava pra usar essa ferramenta para o bodyboard, substituindo o jetski. Hoje em dia, você vai gastar uns quarenta (mil) reais, fora ter duas pessoas com carta de habilitação, lugar para parar e tal. Entrei em contato com o pessoal da Califórnia, atletas profis-

sionais. Alguns me responderam, alguns não, e tive acesso a alguns caras que me ajudaram a desenvolver o *slasher*. Eu tive que desenvolver do zero, porque não rolava comprar um negócio pronto, pois o que eu precisava da máquina era muito maior do que eles tinham. A velocidade da máquina deles era mais lenta, pois eles não precisam de tanta velocidade, já que não soltam o cabo. Nós temos que estar em velocidade para quando soltar o cabo e bater na onda. Eu fiz o negócio com mais força, mais torque, com motor mais potente.

Aí, fiz os teste e deu muita coisa errada. Porque as peças não aguentavam a velocidade que eu tinha colocado na máquina, então, quebrou um monte de coisa. Não aguentava. A corda voltava com areia e sal e serrava a máquina. Levou em torno de dois anos para aperfeiçoar a peça e hoje posso dizer que o *slasher* é o primeiro produto de guincho apropriado para a prática do *tow-out* no mar. Era uma ideia dos caras da Califórnia, que foi adaptado para o *tow-out*, pra voar nas ondas.

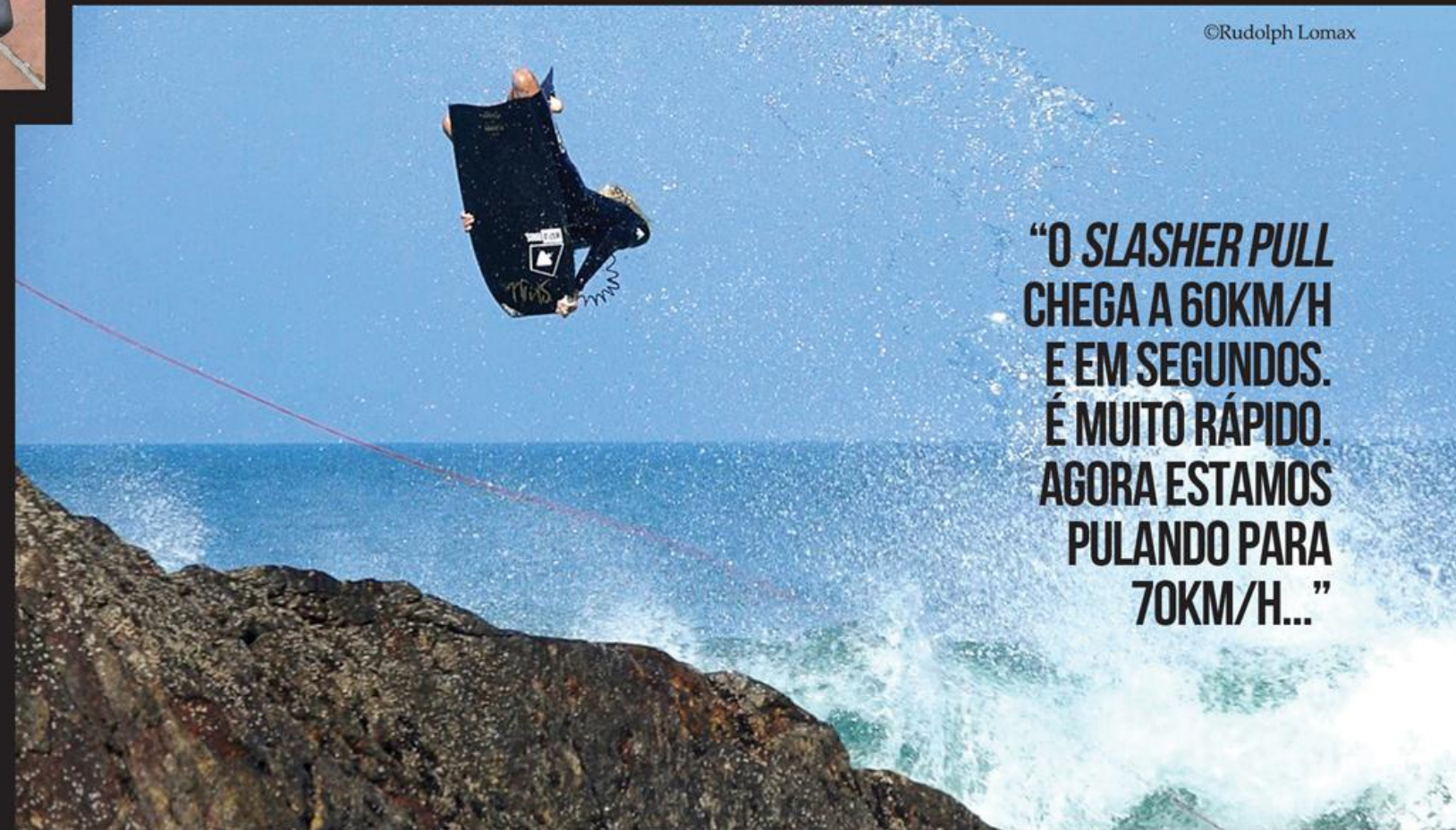
TU – Qual velocidade que chega?

RF – Chega a 60km/h e em segundos. É muito rápido. Agora estamos pulando para 70km/h...

TU – Além do *slasher pull*, você também tem uma marca própria de pranchas. Você é um cara novo, com 28 anos, e já tem uma cabeça empreendedora. Você sempre teve essa alma empreendedora?

RF – Eu fui patrocinado por uma marca, chama da Respect Bodyboard, que vendia mundialmente muita prancha. Fiquei um tempo na marca, aí eles lançaram um modelo meu de prancha e de pé de pato. Aí, eu comecei a exigir alterações na linha. Sempre o dono da marca dizia que não iria vender, que não iria funcionar. Então era sempre um pouco e que começou a vender mais do que as outras linhas. Eu tive essa sorte. Tanto que o dono chegar e falar que gostaria que eu ficasse um tempo com ele na Europa, trabalhando com ele, desenvolvendo melhorias para as pranchas. Ele já tinha um *know-how* muito alto, muito conhecimento de

prancha e começou a dar muito certo até um ponto dele falar para eu assumir a linha toda. Eu assumi, comecei a lidar com os donos de fábrica, comecei a mudar coisas, pesquisar cores de tendência antes do momento, coisas assim. E começou a dar certo, até chegar na barreira das pessoas que distribuíam a marca da Respect aqui no Brasil. Era uma equipe de outra marca, que eu não curti o conceito, a forma que trabalhavam, porque nunca apoiavam o meu esporte. Eles faziam muita grana em cima do esporte, mas não estavam nem aí. Só davam pranchas, coisas assim de premiação. Então, tomei a distribuição deles e virei distribuidor no país, continuei movi-



“O **SLASHER PULL** CHEGA A 60KM/H E EM SEGUNDOS. É MUITO RÁPIDO. AGORA ESTAMOS PULANDO PARA 70KM/H...”

mentando o mercado. Estava trabalhando muito, quando chegou num momento que pensei: "Estou fazendo tudo e não tô recebendo muito pela produção." Eram 500 pranchas pro Chile, 500 pranchas pra Austrália, três mil pra Europa... Era muito alto, comigo fazendo tudo. Então, pensei que estava na hora de montar a minha própria marca e ter essa liberdade de poder fazer o que eu quero. Juntei com alguns sócios, pois é um valor muito alto de investimento, para começar. Esse é o caminho dos atletas. Cada vez mais estamos vendo atletas (com o salário dele) com uma marca, mas que estão saindo fora. Porque você consegue ganhar muito mais com as redes sociais do que com a marca. Você não conseguia colocar um outdoor, era muita grana pra injetar para divulgar sua marca, por exemplo. Hoje com R\$100,00, você investe em redes sociais...

TU – Pois é... hoje em dia as revistas impressas estão acabando, você, por ser um *free surfer*, tem um canal a menos para divulgar seu trabalho. Você investe muito em rede social. Você ainda traz seu *lifestyle*. A pessoa acompanha, fica mais próxima...

RF – Sim, eu acho que sim. Para o atleta, cada um tem que ter seu perfil, ser um pouco diferente. As pessoas querem acompanhar um perfil diferenciado.

TU – E como foi fazer parte de um game para celular?

RF – Sim, o *YouRiding*. É jogo que está aí há um tempo. Conheço o dono, o Michael (Jégat). Video game é uma coisa que acredito muito. Acho que as pessoas têm que ter acesso a jogar um jogo com esporte. E eles estão há muito tempo nisso. Estão tentando migrar pro Playstation. Então, é uma parada que vai crescer. E eles vieram até mim e queriam me

colocar no game. Eu ofereci a mão. Já tinha a marca, vimos quanto era pra patrocinar o jogo. Tem meu modelo de prancha disponível, pras pessoas poderem usar no jogo. É aquilo que te falei, quando montamos a marca, a Skull, essa era a ideia. De tentar viver do esporte, mas ao mesmo tempo estar retribuindo com as pessoas que estão envolvidas diretamente.

Abaixo, no lançamento do seu 2º filme, *Show Time*, no Teatro Guarani em Santos. Renan está preparando o seu terceiro filme próprio. Ele não pára quieto!

“AS PESSOAS QUE NÃO TÊM GRANA, TÊM ACESSO A CONHECER O TEATRO E AO ESPORTE (ATRAVÉS DO PROJETO CINESURF)... É UM INCENTIVO BEM FORTE.”

©Thiago Souto

TU – Se não bastasse tudo isso, você ainda tem dois vídeos próprios na bagagem. Como foi produzir os filmes?

RF – Fizemos a estreia do *Addiction*, em 2011. Ficamos um ano e meio gravando. Lançamos no Teatro Guarani, através do projeto Cinesurf. É um projeto bem legal. Não tem muitas empresas investindo, mas é um baita projeto porque é de graça. As pessoas que não têm grana, têm acesso a conhecer o teatro e o esporte. Então, você é uma criança carente ou é um cara que não tem acesso às coisas assim, vai a um teatro, vê um filme desses e pensa: "Pô! Quero pegar uma onda, quero começar..." É um incentivo bem forte. A gente sempre faz através deles. Fizemos o *Addiction*, que bombou, lotou o teatro, e aí, fizemos o *Show Time*. Ficamos três

anos gravando. Quando lançamos, lotou também. Foram em torno de 350 pessoas assistir. Depois o filme levou prêmio de filme do ano, no Festival MIMPI, que é o maior festival da América Latina de esportes radicais. Levamos o prêmio de filme do ano.

TU – E está planejando fazer mais algum filme?

RF – Então, tem este agora, que chamamos de *Relic*. Já estamos há três anos gravando. O *Show Time*, que saiu agora, demorou três anos pra sair. E é o que está levando para fazer o *Relic*. Aprovamos na Lei Rouanet e agora está na parte de captação. A Lei Rouanet abate do imposto de renda das empresas. Então, ao invés da

empresa pagar o Imposto para o Governo, ela investe nesse projeto e ainda tem a publicidade forte em cima dele. E vamos fazer o mesmo processo, uma estreia no Rio de Janeiro e outra também num cinema ou teatro e vamos reverter a entrada toda pra ajudar alguma instituição.

TU – Tá virando da galera já investir, pela Lei Rouanet?

RF – Aprovamos o projeto faz um mês. Estamos agora no processo de finalizar a *artwork*, identidade e levar para as empresas. Isso é certo de acontecer, é só questão de fechar tudo, pois tem muitas empresas que estão dispostas a entrar nisso.



TU – Teve uma foto que você fez parte, do fotógrafo Luke Shadbolt, que ganhou prêmio da Nikon e da Red Bull, mostra toda aquela potência do mar, estourando aquela onda. Imagino que como bodyboarder, deve ter tomado um monte de bomba na cabeça.

RF – Sim, isso aí foi gravando para um filme também, o Passing Through. Levou filme do ano de bodyboard. Esse pessoal da Austrália me chamou para participar e gravar o filme com eles. Esse fotógrafo é bem conceituado. Ele era um dos principais do Andy Irons. Ele veio pra cá, ficou em casa e fomos pro Rio de Janeiro. Quando chegamos na praia da Joatinga, as condições da bancada de areia, com a direção da ondulação e a maré, estavam formando a onda perfeita pra quebrar, dando essas explosões raras e voando muita água, da altura de um prédio e ele ficou fazendo as fotos. A explosão era tão alta que você sentia a vibração do ar. Eu estava muito próximo da explosão, ele captou a foto. Eu nem tinha visto, quando saí do mar ele falou: “Fiz a foto da minha vida”, mas ele não me mostrou. Eu nem esperava tanto. Foi o ângulo que ele pegou, com a lente que tava, do outro lado da praia. Ele tem um conhecimento, o cara é bom. Essa foto virou papel de parede do meu celular, do meu site. Essa foto levou prêmio de foto do ano da Nikon, de surf, além de capa de um monte de revista não só de esportes, mas também de natureza, e foi foto do ano da Red Bull, Ilume Awards. Na Alemanha, tem ela enorme dentro de um aeroporto. Saiu em muito lugar.



©Rudolph Lomax

TU – Uma onda dessas, em cima, quando quebra na cabeça... Já teve alguma lesão?

RF – Já quebrei perna, pé, pulso. Já me cortei várias vezes, em pedra. Machuquei o pescoço. Já me machuquei bastante, mas nada muito absurdo. Fiquei de molho, mas nada de ficar muito anos parado. Nos machucamos bastante no bodyboard. Faz parte da profissão.

TU – Nas próximas olimpíadas no Japão, skate e surf vão ser modalidades olímpicas. O que você acha disso? Você acha que o bodyboard tem chances?

RF – Eu acho. O bodyboard conta com 32% dos praticantes dentro do surf. O surf em si é quarenta e poucos por cento. E o resto é stand up, longboard e outros esportes. É um número muito grande e as pessoas passam pelo bodyboard antes de praticar o surf. É o começo.

Alguns voltam, alguns ficam e viram profissionais. É um público muito grande. O surf é o esporte maior, mas entrando nas Olimpíadas, vai puxar os outros. É certeza! Vai ter piscina de onda. Vão ter que fazer, pois esse é o maior problema do surf. O surf não entrava porque, por exemplo, para o cara que joga tênis, é a mesma bola pra todo mundo, mesma quadra, é tudo igual. No surf, como vai julgar um cara que não tem a mesma onda? Tem esse problema. Às vezes, o cara tá no nível mais alto dele de surf, de competição, mas parou de vir onda, o cara não pegou. Já aconteceu comigo, o cara pegar uma onda boa e eu ficar quinze minutos parado. Tipo, tu não consegue, pode estar surfando melhor, mas depende da onda. E se funcionar, outros esportes vão vir. A ideia deles não é montar uma piscina de onda só pro surf, eles vão querer outros esportes, por causa de patrocinador, investimento... Sem dúvidas.

TU – Rola um certo bullying do surf “em pé” com o bodyboard?

RF – Hoje em dia acho que não... Não, porque dividimos ondas diferentes. Eles procuram um tipo de onda. Profissionalmente falando, eu quase não vejo cara de surf do meu lado hoje em dia. Os lugares que vou não tenho rixa, pois os caras não vão onde eu vou. São poucos e quem vai, entende e respeita. Ele vê o esporte de verdade. No meu ponto de vista profissional, não tem isso. E acho que as pessoas estão começando a se ligar, principalmente fotógrafos, pessoas que trabalham com surf, que é ruim. Porque se acontece alguma rixa, o fotógrafo faz fotos dentro da água poderia fazer mais fotos e ser pago por mais fotos. Então, se fica só surf, deixa produzir outros esportes e viver disso. Acho que hoje em dia, com

Quem olha o Renan, todo tatuado, e vê as coisas que ele faz e as ondas que ele pega, pode até achar que ele é meio louco. Mas o cara é totalmente o contrário disso. Ele é muito mais centrado do que muito almofadinha por aí.

as revistas, se as pessoas têm preconceitos, saem perdendo. Hoje não tem espaço para preconceito. As pessoas deixam de te seguir e você precisa delas. Por exemplo, fizemos uma foto de publicidade minha em uma revista de surf, a Hardcore. Pra eles é bom, é um novo nicho ter a foto do bodyboard. São dois anúncios. Acredito eu que se ela pudesse ter quatro esportes na revista, eles iriam ter.

TU – Qual o seu pico favorito?


RF – Não vou falar o nome da praia, mas hoje em dia, é Ubatuba. Lá tem um contraste de ondas que não existe no mundo inteiro. Nenhum lugar no mundo tem. Tanto que pessoas vêm de fora, pra surfar na praia que eu surfo. É uma praia que quebra muito perto da areia, é um edge, vem uma lateral... Esse tipo de onda não existe, tanto que é uma praia que é considerada a Pipeline do skimboard e pra gente, que gosta de onda cavada... É parecido o gosto de ondas do skimboard e bodyboard... Sem contar que é um lugar que não é tão explorado. Lá entram ondulações grandes, qualquer swell entra com força e planos futuros é ter um jet pra poder acessar esses pontos de difícil acesso.

“...É POSSÍVEL VIVER DO ESPORTE... E NÃO DIRIA SÓ DO BODYBOARD... SE RALAR, SE CORRER ATRÁS, VOCÊ CONSEGUE GERAR DINHEIRO, VIVER DAQUILO QUE VOCÊ GOSTA”

TU – Deixe uma mensagem para a galera que te acompanha e pra quem quer experimentar o bodyboard.

RF – A mensagem que eu diria é que o bodyboard é um esporte que considero completo. As pessoas que têm interesse em começar, ele trabalha perna, coluna, braço, sem contar que é acessível. Uma prancha, se tu comprar uma profissional, vai durar muito tempo. E é possível viver do esporte, é só correr atrás. E não diria só do bodyboard, mas também de qualquer esporte. Hoje em dia, com as redes sociais, com tudo que é de tão fácil acesso, se ralar, se correr atrás, você consegue gerar dinheiro, viver daquilo que você gosta. E agradecer a oportunidade de estar fazendo essa matéria com vocês...

TU – Nós que agradecemos! TU



NINGUÉM
VAI VIVER SEUS
SONHOS
POR VOCE!

SUPER CUSTOM. SEU SITE ESPECIALIZADO
EM PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA O MERCADO
DE MOTOCICLETAS CUSTOM PREMIUM.

 Super Custom

supercustom.com.br

 [supercustommotos](https://www.facebook.com/supercustommotos)

 (13) 97600.4842

 [super_custom_motos](https://www.instagram.com/super_custom_motos)



TU PELO MUNDO

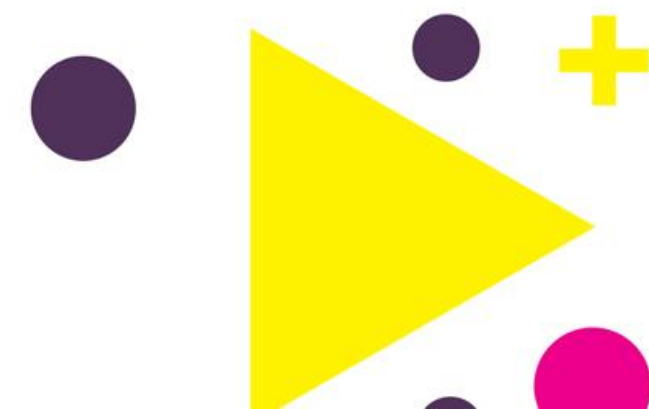
ERA UMA VEZ, NA DISNEY...

ORLANDO, FLORIDA

texto e fotos
\\ thiago souto

Aqui na Revista TU, já compartilhamos com você viagens de aventura, como escalar o Monte Roraima e o Aconcágua. Também já embarcamos de penetas em algumas viagens de casais por lugares lindos como o Atacama, Serras Gaúchas e Nordeste do Brasil. Até viagens solo, como para Nova Iorque, nós mostramos também. Mas uma coisa nós nunca fizemos: uma viagem em família. E tem lugar no mundo que ofereça uma programação mais familiar do que os parques da Disney, em Orlando? Bom, é para lá que vamos nesta edição.

A marca registrada das viagens a Disney, o Castelo da Cinderela. Se você acha que o parque estava cheio nesta foto, veja nas próximas páginas.



PREPARATIVOS

Quando falei que esta seria uma viagem de família, acredito que você possa ter pensado na família padrão "casal e filhos". Mas quando se trata da minha família, o grupo fica um pouco mais inchado. Fomos em 11 pessoas. Quatro casais e três crianças. Três gerações da família, com gostos e necessidades bem diferentes. Coitado do meu pai, que organizou essa bagunça toda. Imagine o trabalho que foi fazer esse pessoal todo tirar passaporte? E organizar a ida desse povo todo para tirar o visto em São Paulo? Foi tenso, mas deu tudo certo. Ninguém teve o visto negado, apesar de todo o medo que meu cunhado, que nunca tinha ido tirar visto americano antes, passou.

Decidimos a companhia aérea e quantos dias ficaríamos por lá. Como quase todo mundo trabalha, não poderíamos ficar muito mais que 10 dias. Daí foi escolher como ficaríamos hospedados. Poderíamos ter alugado uma casa (sai muito em conta), mas imagine 11 pessoas dentro de uma casa, depois de passar o dia inteiro junto andando pelos parques. Seria um inferno. Então, decidimos ficar em um hotel, em quartos separados. Escolhemos o Celebration Suites at Old Town. Os quartos são bem grandes, com sala, cozinha e 3 camas. Além disso, o hotel era muito bem localizado e muito bem indicado.

VIAJAR EM FAMÍLIA PODE SER BEM CORRIDO ÀS VEZES, MAS VOCÊ VIVE EXPERIÊNCIAS QUE NÃO VIVERIA VIAJANDO SOZINHO OU EM CASAL.

Ah! Aliás, uma dica para pegar boas indicações e chegar em Orlando sem ter surpresas desagradáveis, é fazer parte de grupos no Facebook. Tem um monte de grupos (Coisas de Orlando, por exemplo) cheios de gente dando dicas do que fazer e comprar. Tem horas que enche o saco, pois tem muita coisa inútil também, mas no final das contas, ajuda muito.

Cheios de dicas na cabeça e espaço nas malas (para trazer uma variedade de bugigangas que compraríamos por lá), embarcamos na manhã do dia 02 de janeiro para encarar 9 horas de voo direto rumo a Orlando.



Na foto abaixo, a caixa d'água do House of Blues, na Disney Springs. Na página ao lado, funcionárias da loja de doces fazem maçãs do amor de vários tipos na vitrine. E, na parte inferior, o capô do nosso carro. Uma demonstração do frio que não é muito comum na Florida.



CHEGADA A ORLANDO E 1º DIA DE COMPRAS

Depois das 9 horas de voo e de ter assistido 3 filmes inteiros, chegamos em Orlando. O aeroporto está passando por obras, o que fez nossas malas demorarem uma eternidade para irem de esteira de um lado para o outro do aeroporto. Depois de um tempão, pegamos os carros que alugamos e fomos para o hotel. A ideia era chegar, deixar as coisas por lá e dar uma volta. Mas o tempo que perdemos no aeroporto, aliado ao cansaço pós viagem, derrubou a galera. Além disso, estava um frio desgraçado, inclusive com ameaça de chuva para o dia seguinte, a data marcada para nossa ida ao Magic Kingdom. Então, aproveitamos para nos reunir e decidir se valia a pena arriscar ir ao parque, mesmo com a ameaça de chuva, ou se valia a pena adiar, trocando por um dos dias em que faríamos as compras. Acho que o frio e o cansaço foram os responsáveis pela decisão unânime de não ir ao parque.

No dia seguinte, ainda bem que não fomos a parque nenhum. O maior pé d'água estava caindo pela cidade. Fomos então ao Florida Mall, um shopping onde poderíamos ver algum casaco de frio, já comprar algumas coisas que tínhamos em mente e almoçar. O shopping é bem legal e tem bastante marcas bacanas para ver. Os preços são bem mais altos que nos outlets e nos supermercados, mas algumas coisas valem a pena comprar. Os iPhones, por exemplo, por terem preços tabelados, valem a pena serem comprados na loja da Apple, e lá tem uma bem grande. Depois de passear um pouco,



comemos um belo hambúrguer do Five Guys e voltamos para o hotel.

A chuva deu uma trégua (o frio, não). Assim, poderíamos ir ao Disney Springs, uma espécie de boulevard dentro do complexo Disney, com restaurante temáticos e lojas das atrações dos parques. O que você encontra nos quatro parques temáticos, você encontra ali também pelo mesmo preço. Além disso, há lojas de marcas. A criança da pirou na do Lego, que é bem legal, enquanto as mulheres

foram à loucura com as outras. Uma dica é fazer reserva em um dos restaurantes. Nós não fizemos isso, pois não era nosso plano visitar o Disney Springs neste dia, e vimos que enfrentar as filas seria inviável. Quando não conseguimos mais aguentar o frio, que só aumentava com a noite, fomos embora para o hotel, comer uma pizza e nos preparar para o dia seguinte, que aí sim iríamos ao Magic Kingdom.



Você entra no site ou no aplicativo da Disney e agenda os brinquedos. Mas você tem que fazer isso com bastante antecedência, pois os brinquedos mais legais são os mais concorridos. Nós, por exemplo, como mudamos o dia da nossa ida para o Magic Kingdom, tivemos que mudar todos os nossos Free Passes, que eram para brinquedos legais, para atrações bem mais fuleiras.

Bom, mas voltando ao passeio. Chegamos, paramos os carros e fomos entrar no parque. Uma enorme fila, bastante desorganizada para os padrões americanos, se formava na entrada. Para acessar o parque, é necessário pegar um monotrilho ou um barco, mas os dois estavam fora de serviço por causa do frio. Os trilhos estavam cobertos de gelo, como nossos carros. O negócio foi esperar e já ir acostumando com o que encontraríamos o dia inteiro: fila!

Depois de um tempo, finalmente entramos no parque. É redundância falar, mas o Magic Kingdom é mágico. Ali é onde rola a fantasia mesmo. Os brinquedos não são os mais radicais, mas quem vai na Disney tem que ir neste parque. Logo de cara, você vê o castelo da Cinderela ao fundo e sabe que finalmente você está lá. Também encontramos bem na entrada o Tico e o Teco e, mesmo sabendo que tínhamos que ir correndo para o primeiro brinquedo, não resistimos à tentação de tirar uma foto com eles.



Por ser o parque mais concorrido, o Magic Kingdom também é o parque que mais lota. Conseguimos ir em apenas três brinquedos. As principais atrações são a Seven Dwarf Mine Train, que é uma montanha-russa bem suave dos Sete Anões (até meu pai que não gosta muito dessas coisas foi), a Big Thunder Mountain Railroad, outra montanha-russa ao estilo velho-oeste, e a Space Mountain, que é uma montanha-russa no escuro. Estas duas últimas nós não conseguimos ir, de tão grandes que estavam as filas. Outro brinquedo que não passamos nem perto, mas por causa do frio, foi a Splash Mountain. Não era uma boa ideia se molhar! Mas tem um monte de brinquedos mais suaves e legais, como a Haunted Mansion e brinquedo dos Piratas do Caribe. Fomos, por exemplo, em um brinquedo de tiros do Buzz Lightyear que não dávamos nada para ele, mas foi bem legal, principalmente para quem vai com criança pequena. Conseguimos ir ainda no brinquedo do Peter Pan (que foi uma grande furada) e depois ficamos passeando pelo parque, vendo as lojas, tentando assistir as paradas e comendo as coisas gostosas que vendem por lá. Aliás, quem vai pra lá tem que comer a famosa Turkey Leg, uma perna de peru digna dos Flinstones. É boa, mas prepare-se para se sujar! E ficamos nessa levada esperando a grande atração do dia: o show de fogos.

MAGIC KINGDON

Não quer pegar filas nos parques? Acorde cedo, antes mesmo do galo cantar. Foi o que fizemos. Acordamos, tomamos café e fomos pegar os carros, que estavam cobertos por uma fina camada de gelo. Todos os parques da Disney ficam dentro de um complexo, junto com os resorts onde você pode se hospedar. Não foi o nosso caso, mas nosso hotel ficava não muito longe dali. Então, quando você entra nesta área, atravessando um portal dando boas vindas ao Walt Disney World, a ansiedade e a emoção já tomam conta. É bem legal!

Antes de falar do parque, vale uma introdução. Nos parques da Disney, quando você compra o ingresso, você ganha direito a três Free Passes. O que é isso? É a possibilidade de você marcar hora em alguns brinquedos e evitar filas que ultrapassam algumas horas.



No topo, o entardecer no Magic Kingdon apinhado de gente. Acima, eu e a minha esposa mandando ver uma Turkey Leg. Ogrice ao estilo americano.



Acima, uma das paradas que rolam por lá. Ao lado, a grande atração do dia, o show de luzes e fogos, Happily Ever After.

São dois shows que acontecem bem próximos do fechamento do parque. O mais legal é o primeiro, o Happily Ever After. Caramba, que emocionante! Os caras sabem fazer um show de fogos e, junto com as projeções no castelo, a coisa é de arrepiar. Minha esposa que nunca tinha ido na Disney chorou horrores e até eu assumo que me emocionei um pouco. Nem o frio, que estava demais, conseguiu afastar a galera desse show. Fechou o dia com chave de ouro!

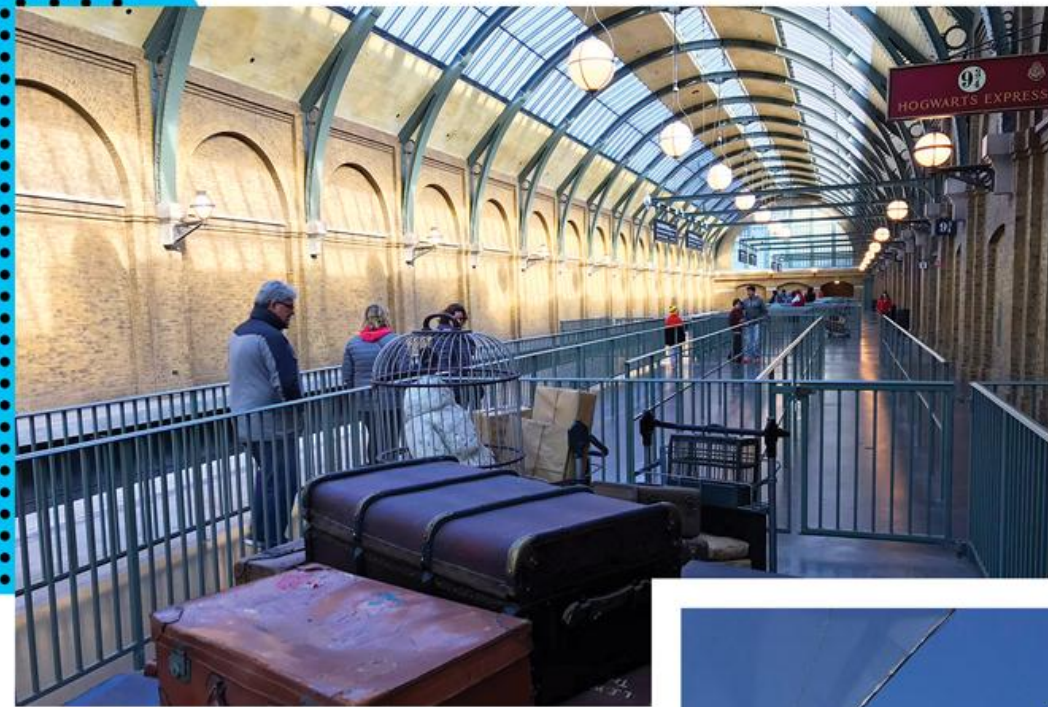
2º DIA DE COMPRAS - OUTLETS

A galera acordou pregada neste dia. Parece que não, mas andar nos parques cansa muito. Andávamos em média 10km por dia. Para as crianças, principalmente, era muito cansativo. Então, decidimos ir no Outlet Premium para o pessoal poder dormir mais cedo e descansar melhor.

Bom, não vou me estender muito aqui, afinal, são compras. O que vale a pena dizer é que, mesmo com o Dólar alto, vale muito a pena comprar coisas por lá. Um jogo de malas Samsonite lá é o preço de uma aqui (e no final da viagem, você vai precisar de pelo menos mais duas, além das que você levou para os EUA). As lojas de tênis fazem promoção do estilo “pague um, leve outro”. Então, dois Nike ou dois Adidas acabam saindo às vezes R\$120. OS DOIS PARES! Então, é muito barato. Mas não pode se empolgar. O lance é procurar o que você precisa e o que está realmente em conta.

Também demos uma passada na Best Buy, que é perfeita se você está procurando eletrônicos. Tem de tudo. Video games, batedeiras, TVs, aparelhos de som, câmeras fotográficas... tudo mesmo! E depois de lá fomos jantar no Olive Garden, que é bem gostoso. Comemos uma boa massa, meus pais pediram um vinho e todo mundo repôs as energias para o dia seguinte.

O QUE MAIS IMPRESSIONA NOS PARQUES É A RIQUEZA DE DETALHES. VOCÊ CHEGA A ACREDITAR QUE É REAL.



Na página ao lado, a chegada em Hogsmeade. A neve fica ainda mais realista por causa do frio. Ao lado, a réplica da estação de King's Cross em Londres, onde embarcamos rumo a Hogwarts. Abaixo, a montanha-russa do Hulk que quase matou minha mãe. E na parte inferior, uma foto descaída dos meus pais com um velociraptor.

bem legal. Mas aqui vão três dicas. Se você passa mal, fique avisado que, apesar de ser simulador, ele é bem forte e pode te deixar meio enjoado (isso vale para vários brinquedos do parque). A segunda dica é: se você é gordinho, como eu, grande chance de você não caber na poltrona de alguns brinquedos, por isso, na entrada do brinquedo, tem cadeiras para testar antes. A terceira dica é para evitar filas. Se você não liga de sentar longe dos amiguinhos, vá de Single Rider. Assim você pega bem menos fila e pode aproveitar bem mais brinquedos.

Saindo dali, passamos pelo Toon Lagoon, uma parte do parque dedicada a desenhos antigos como Popeye e Betty Boop, e pelo espaço destinado ao Jurassic Park, onde



UNIVERSAL STUDIOS E ISLAND OF ADVENTURE

Em Orlando, nem todos os parques são da Disney. Tem o Sea World, a Legoland e mais dois parques que você não pode perder: o Universal Studios e o Island of Adventure. Esses dois parques ficam um do lado do outro e são sensacionais. Eles têm as melhores montanhas-russas e alguns dos melhores simuladores.

Fomos primeiro no Island of Adventure, mas entramos pelo outro parque. Fizemos isso porque ligando os dois parques tem o Hogwart Express, o trem do Harry Potter. E ele mesmo já é uma atração. Quem é fã do filme se sente dentro da história. É demais! Na Island of Adventure você chega por Hogsmeade, coberta de neve, que ficava mais realista graças ao frio. Aqui, você tem que fazer duas coisas: beber a cerveja amanteigada e comprar uma varinha interativa. O segundo item serve para você fazer “mágica” em alguns pontos espalhados pelo lugar. A atração principal aqui é o Harry Potter and the Forbidden Journey, dentro de uma réplica do Castelo de Hogwarts. É um simulador onde você voa junto com Harry Potter. É



tiramos foto com um dos raptos! Nestas duas áreas ficam localizados os brinquedos aquáticos, mas ainda estava muito frio para se arriscar. Então, fomos direto para a Marvel Super Hero Island. Aqui, as crianças curtiram demais! Atores fantasiados de super-heróis aparecem de tempos em tempos para tirar foto com as pessoas. Além disso, tem o simulador do Homem-Aranha, o elevador do Dr. Doom e a montanha-russa mais radical de Orlando, The Incredible Hulk Coaster. Essa montanha-russa é para os fortes, pois você é literalmente arremessado por um túnel e chega a 108 km/h. A coisa é tensa! Minha mãe foi e passou mal, coitadinha!

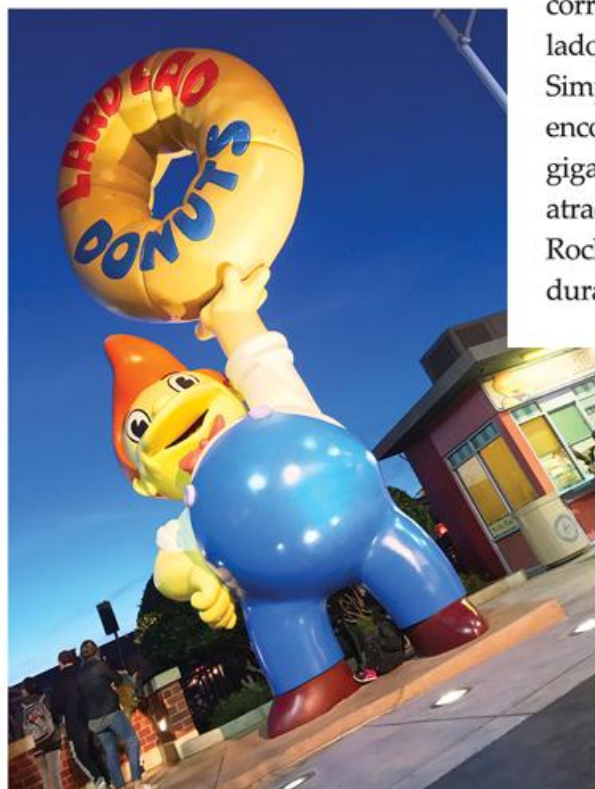
TU PELO MUNDO

Antes de ir embora, ainda fomos na Skull Island: Reign of Kong, um simulador do King Kong, e ainda demos uma passada na área dedicada às histórias do Dr. Seuss, que é bastante voltada à criançada, mas é muito legal visualmente, com seus prédios muito doidos e árvores retorcidas.

No dia seguinte, estávamos lá novamente, só que agora para pegar o Hogwarts Express em direção ao Hollywood Studios, saindo no Beco Diagonal, que é idêntico aos filmes do Harry Potter. A loja dos gêmeos Weasley, o banco Gringotes e o Caldeirão Furado estão lá. Nós, inclusive, almoçamos no salão do restaurante mágico. Logo de cara, você se depara com o dragão, que ruga e solta fogo de tempos em tempos. Dentro do banco, você pode ir no simulador Harry Potter and the Escape from Gringotts, que é



que é muito legal. Aliás, se existe um parque dos simuladores, é o Universal. Tem simulador dos Transformers, dos Minions e até uma corrida por Nova Iorque com o apresentador Jimmy Fallon. Outro simulador que vale muito a pena ir é The Simpsons Ride. Para quem é fã de Simpsons, é animal! Além disso, na área destinada ao desenho você encontra várias coisas divertidas de Springfield, inclusive os donuts gigantes que o Homer tanto adora. Além dos simuladores, uma das atrações mais concorridas e que você não pode deixar de ir é a Rip Ride Rockit, uma montanha-russa onde você escolhe a música que vai ouvir durante o percurso cheio de loopings em altíssima velocidade.



Depois de tanta diversão fomos embora do parque. Aproveitamos para jantar no Bubba Gump do Universal CityWalk, uma espécie de shopping a céu aberto, com restaurantes e lojas, que fica entre as entradas dos dois parques e o estacionamento. O restaurante é baseado no filme de Forest Gump e tem pratos deliciosos de camarão.

ANIMAL KINGDOM E HOLLYWOOD STUDIOS

Depois de dois dias de parques da Universal, voltamos ao complexo Disney. Antes de irmos viajar, tivemos que escolher entre ir ao Animal Kingdom ou visitar a Epcot. Os dois parques são os "patinhos feios" da Disney, e como não tínhamos dias suficientes, um dos dois ficaria de fora do roteiro. Escolhemos ir ao Animal Kingdom, que acabara de lançar uma área dedicada ao filme Avatar.



E justamente por causa do Avatar, tivemos que acordar bem cedo, a fim de chegar antes da abertura do parque, pois tínhamos ouvido que a fila do brinquedo Avatar Flight of Passage era bem longa. Bom, os boatos eram verdadeiros. Pegamos 4 horas de fila. 4 HORAS!!! Foi tão demorado que dá para observar bastante o cenário que montam nesta área do parque. É impressionante a riqueza de detalhes. Também descobrimos, conversando com outros brasileiros, porque o Magic Kingdom estava tão lotado quando fomos. Como choveu muito no dia anterior à nossa ida, a Disney deu um dia extra para quem foi no parque, para que eles pudessem aproveitar melhor. Então, tinha o dobro de gente por lá. Mas agora estávamos em outro parque e na maior fila do mundo. E não é que cada segundo da fila valeu a pena? Foi com certeza o melhor brinquedo que fomos na viagem. A sensação é de que você está "pilotoando" uma das criaturas do filme. É impressionante, você sente até o cheiro de mato e a respiração do bicho. Se não fosse pela fila, teríamos ido outra vez.

Na página ao lado, o dragão no Beco Diagonal. Na parte inferior, um pouco de Springfield e a emocionante Ripe Ride Rockit. No topo da página, uma foto com o Pluto e o Pateta. Eles são demais! E, ao lado, as ilhas flutuantes de Pandora.





Dali, fomos dar uma volta pelo parque. Além de Pandora, que é a área dedicada ao Avatar, ele é dividido entre os continentes. O africano, onde há um safari e um brinquedo aquático (apesar do frio ter diminuído, ainda não dava muito ânimo de se molhar), e o asiático, onde fica localizada a montanha-russa Expedition Everest - Legend of the Forbidden Mountain. Ela não se compara às montanhas da Universal, mas é bem legal e menos amedrontadora. Também tem a DinoLand com seus dinossauros e a Discovery Island, onde se localiza a Tree of Life. A árvore é o símbolo do parque e é linda, com inúmeros animais esculpidos em seu tronco. À noite, ela se ilumina e os animais ganham movimento através de projeções. Além disso, o parque não tem muitas atrações. Então você pode aproveitar para curtir os artistas de diferentes nacionalidades que se apresentam pelas ruas do parque ou tirar foto com personagens Disney. E também ir mais cedo pra casa e descansar.

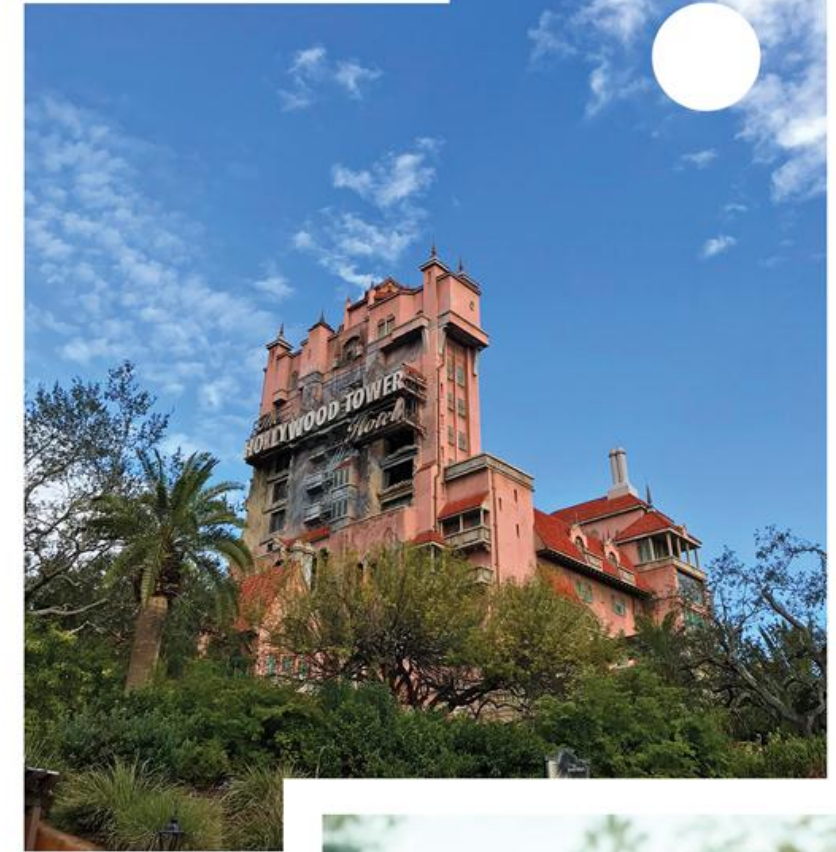


No dia seguinte ao Animal Kingdom, fomos ao nosso último parque. Era a vez do Hollywood Studios, a casa dos brinquedos do Star Wars. Meu irmão mais velho, que é muito fã, estava ansioso para este dia. O Hollywood Studios é bem acanhadinho, mas tem atrações bem legais para quem curte cinema. Para quem não é muito chegado em ficar sendo sacudido dentro dos brinquedos, tem uma simulação de gravação do Indiana Jones, que é bastante divertida, além de uma apresentação da Bela e a Fera que todos recomendam muito. Quem é mais velho, vai gostar de assistir os Blues Brothers tocando na rua, ao lado do seu carro de polícia. E os fãs de Star Wars podem curtir o desfile dos Stormtroopers de tempos em tempos na rua principal. Já para quem gosta de comer e beber, o parque oferece alguns carinhos com drinks alcoólicos e sem álcool, além da boa e velha cerveja. E meus pais comeram o que eles disseram ser o melhor hambúrguer da viagem.

Mas se você prefere algo mais emocionante, tem a montanha-russa do Aerosmith. Toda no escuro, ela tem três loopings, que você curte ouvindo o som da banda. Bem legal. E nem é dessas que te deixa catatônico quando desce dela. Outro brinquedo que é bem intenso é a Tower of Terror, símbolo do parque. Um hotel mal-assombrado com um elevador que despenca não uma, nem duas vezes... Despenca TRÊS VEZES!!! E por ser um brinquedo mais antigo, você não vai super preso. Então, quando o elevador cai, sua bunda descola da cadeira e, se você não segurar com firmeza, sua mochila sai voando! Você chega a ter medo pela sua alma, mas é muito legal. Para acalmar os nervos, na parte dedicada à Pixar, tem o Toy Story Mania, onde você pratica tiro ao alvo em mini games bastante divertidos.

E tem a parte de Star Wars. Como o último filme tinha acabado de sair dos cinemas quando fomos, tinha muito material da franquia. Lá tem uma espécie de museu, com capacetes e figurinos dos filmes. Também há um simulador, onde você entra em uma nave pilotada pelo dróide C3PO e acaba dentro de cenas do último filme. E a criançada pode se inscrever no treinamento jedi, onde eles aprendem a manejar o sabre de luz e enfrentam os dois vilões de Star Wars: Darth Vader e Kylo Ren. É muito legal ver as crianças se divertindo como se tudo aquilo fosse de verdade mesmo!

Como eu disse, o parque é bem pequeno. Há planos de expansão, com uma área dedicada inteiramente a Toy Story e outra para Star Wars. Mas por enquanto, você consegue matar o parque bem rápido. Se você não liga de perder a queima de fogos (se você não é fã de Star Wars, não perca seu tempo) ou o show Fantasmic!, onde o Mickey faz uma apresentação com água e fogos, você pode ir para o hotel antes mesmo de anoitecer. E mesmo assim, vai ter se divertido para caramba!



Acima, a assombrada Hollywood Tower. Ao lado, a Luciana comendo Funnel Cake, que é uma delícia! Na página ao lado, no topo, as crianças desafiavam o lado negro da Força e desfiles dos Stormtroopers acontecem de 15 em 15 minutos. Na parte inferior, a atração explosiva do Indiana Jones.



ÚLTIMO DIA E COMPRAS (DE NOVO!)

Aí chegou o nosso último dia em Orlando, antes de embarcar no longo voo de volta. Então, este dia seria para descansar... mas na-na-ni-na-não! Fomos fazer compras no parque de diversão preferido das mulheres: a Target. Um supermercado que põe qualquer mercado brasileiro no chinelo. Tem tudo. Comida, brinquedo, roupas de bebê, utensílio de casa, produto de beleza, roupa... Tudo mesmo! E por um preço bem barato. Por exemplo, compramos bonecos Funko por U\$ 9, que aqui sai por 90 reais. Faça as contas. Além disso, você acha coisas que não acha aqui, principalmente se tratando de comida. Pimentas, molhos barbecue, temperos... Chocolate M&M com recheio de pasta de amendoim? Tem! Um sal específico para comer com pipoca? Tem! Imaginou, tem! E metade do dia se passou assim, a gente dentro de um supermercado. É mole?

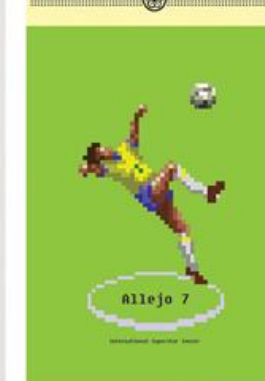
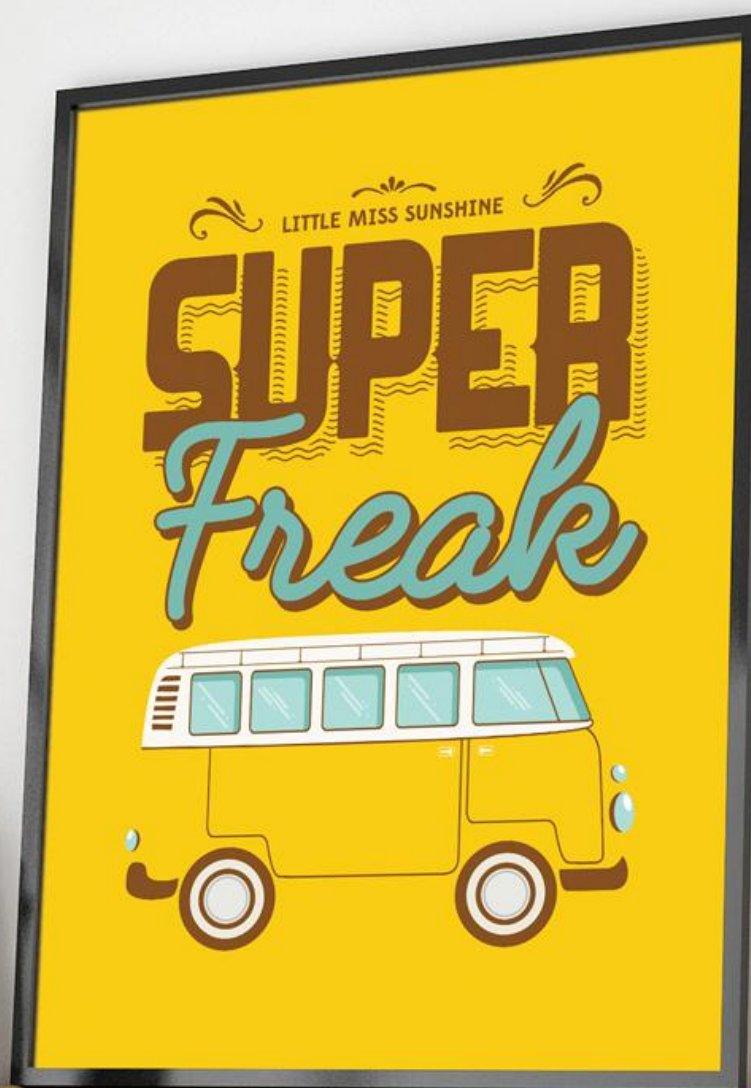


Se você gosta de fazer compras, outra dica é: vá numa farmácia. As farmácias de lá são estranhas. Que nem a gente que vende bebida no posto de gasolina, eles vendem comida na farmácia. Até uma grelha especial para assar bacon, eu achei. **NA FARMÁCIA!!!** Então, vale muito a pena dar uma olhada com muita atenção. Nossa dica é a Walgreens.

E é isso aí. Depois de entupir a mala de comida, shampoo, roupa e todo tipo de souvenirs, lutando para não ultrapassar o peso permitido pela companhia aérea, fomos embora dos EUA. Com bolhas nos pés de tanto andar, dor nas costas de carregar mochila com lanchinhos para lá e para cá nos parques, mas com uma vontade danada de que o sonho nunca acabasse. Agora é juntar dinheiro para voltar! **TU**

No topo, o Castelo da Cinderela por um outro ponto de vista. A viagem é cansativa, mas rever as fotos dá uma saudade. E acima, a turma que encarou essa viagem. Viagem em família pode ter momentos muito difíceis, mas não escolheria turma melhor para me acompanhar

Que tal lá na sua casa?



A woman with long dark hair, wearing a black bikini, is lying on her back on a white bed. She is looking directly at the camera with a slight smile. Her right hand is resting on her hip. The background shows a white bedside table and a white wall.

TU É GATA

ARIEL

BAIZI

VÁRIOS CLIQUES,
RISADAS E PIPOCAS
COM ESTA GATA COM
“G” MAIÚSCULO.



Ariel é pontual (adjetivo raro, hoje em dia), apaixonada e moradora de São Vicente. “Nasci em Santos, no Hospital São Lucas, como a maioria das pessoas, mas moro em São Vicente”, conta e depois solta uma risada. Além disso, é inspetora de alunos em um colégio e estuda biomedicina. Sim, você leu corretamente: inspetora de colégio. “Fico de olho no primeiro ano, eles têm seis anos... São umas gracinhas”, explica de forma apaixonada. Pois é, apaixonada pelos alunos, e confessa até que gostaria de ter filhos um dia. Não estava nos planos, mas os aluninhos fizeram com que ela mudasse de ideia. Ideias essas que estão divididas, já que vai para o segundo ano de biomedicina, mas considera fazer pedagogia depois, pois ama o trabalho que realiza hoje. Considera também atuar em ambos. “Penso na época de estágio, em tentar conciliar com o trabalho, pois já sei que gosto do colégio”.

TU É GATA

**ARIEL COMEÇOU
MEIO TÍMIDA, MAS
COM O PASSAR
DA TARDE, FOI SE
SOLTANDO.
COMO O SOL NA
VARANDA QUE
IA APARECENDO
POR DE TRÁS
DAS NUENS.**







E o sol entrava pela janela do quarto. O mesmo sol que ela costuma ver todos os dias, andando de bike, aparecia pela janela do quarto, ali entre o Canal 1 e Canal 2. Disse que estava nervosa de manhã, mas à medida que o ensaio foi se aproximando, foi ficando mais sossegada. Da mesma forma que o sol nos trazia novas luzes e nos surpreendia naquele final de tarde, Ariel ia se soltando, trazendo novas nuances para as fotos. Aos poucos estava em casa, comeu um, dois, três bombons que estavam ali no pote de vidro e as pipocas, que não eram apenas cenográficas, ela simplesmente não conseguia parar de comê-las. Pipocas são assim mesmo, Ariel. Ainda bem que aceitou o convite da TU para ser a gata da edição 012. Teve um empurrãozinho do namorado, Danillo. Ela estava reticente, mas o namorado ajudou: “Ele falou para eu aceitar, quando eu estava em dúvida, por causa do meu trabalho...”, revela.

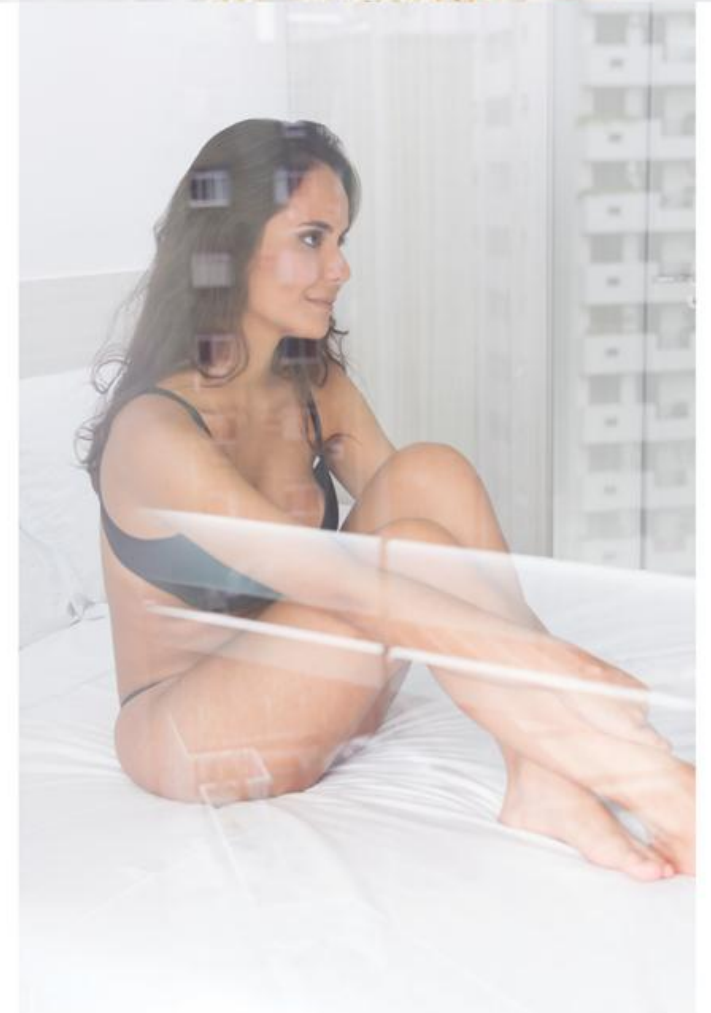
Sem planejar muito, tem vontades e faz o que gosta. Metade caseira e metade festeira, confessa: “Gosto muito de assistir filmes, principalmente os antigos como A Noviça Rebelde. Fico encantada, mas não é só de clássicos que vivo, gosto muito de drama, animação... sendo filme, topo tudo”. Depois completa “Mas também gosto de sair para uma farra com meus amigos, ou só reunir pra ficar jogando conversa fora...”. Além disso, conseguiu incorporar a bicicleta na rotina. “Minha madrastra me emprestou a dela, está sendo uma delícia conciliar algo prazeroso e saudável. Pego depois do trabalho e já aproveito e vejo o pôr do sol”.

**COM SEU
JEITO CALMO E
UM SORRISO QUE
ILUMINA A CASA,
FOTOGRAFAR
ESTA GATA FOI
MOLEZA.**





Danillo assistiu o ensaio, do mesmo jeito calmo que a namorada, disse que jamais iria se intrometer nas decisões profissionais da companheira. O clima suave e ameno que ela traz, ela mesma explica: "Não existe ninguém no mundo que eu odeie, prefiro nutrir sentimentos bons...". Dizem que coisas boas atraem mais coisas boas. Parece funcionar. Ariel vem com essa luz ao redor, apaixonada pelo trabalho, alunos, pelo curso que faz, pelo namorado e por fotografias. Adora posar, e faz isso com maestria. Não é sereia, certamente ouviu esse papo muitas vezes na vida, mas é uma moça serena, que confessou nunca ter ouvido a música "Ariel", do Ritchie Blackmore. Disse que procuraria, mas duvido. Ela está mais para Bowie, um pouco de tudo. **TU**



TU É GATA





texto
\ fernando de santis
fotos
\ fernando de santis
\ thiago soto
maquiagem
\ aline malafaia
instagram.com/alinemalafaia

DIGITAL E OFFLINE. ANUNCIE NA REVISTA QUE TEM A SUA CARA.

VISUAL CLEAN E MODERNO • BIMESTRAL
• COMPATÍVEL COM QUALQUER SMARTPHONE
• FOCADA NO SEU PÚBLICO • AGORA EM
VERSÃO IMPRESSA!

ACESSE O SITE E CONSULTE NOSSOS PACOTES



REVISTATU.COM.BR   /REVISTATUSANTOS

TU

BLASTER

A RESISTÊNCIA DO ROCK EM SANTOS

Lembro que, em meados de 1996, todo o dinheiro que eu conseguia juntar sempre tinha o mesmo destino: a Blaster. Tinha meus dezesseis anos, era durango, era uma luta para juntar uns R\$ 20,00, preço praticado, na época, nos CDs de lançamentos. Juntava uma moeda daqui, uma nota de um Real ali (sim, havia nota de um Real!) e passava na Blaster, que, na época, ficava na ponta da Galeria Ipiranga, ali ao lado do Shopping Balneário. Era (ainda é) um reduto do rock santista, chegava lá suado e ficava babando nos CDs da vitrine, entrava e aproveitava um pouco do ar condicionado e sempre escutava algo que estava tocando. Lembro que, certa vez, numa dessas entradas, descobri uma banda de AOR alemã, chamada Dreamtide. Era um projeto do guitarrista do Fair Warning, Helge Engelke. Escuto essa banda até hoje, graças àquela tarde de visita à loja. Atrás do balcão, quase sempre estava o Rafa, sempre disposto a tirar dúvidas ou trocar uma idéia. Às vezes voltava pra casa com um lançamento, outras vezes, com um clássico que estava em oferta e outras vezes rendia um papo e descobria novos sons. Mas a Blaster surgiu um pouco antes, no final dos anos 80, como conta Rafa: “Começou na época da mudança de vinil pra CD, um amigo meu, Marcelo, que me chamou pra fazer uma sociedade e assumir a loja. Começou como Blaster, e uns anos depois o Marcelo saiu e fiquei só eu, até hoje. Eu tinha vinte e oito anos na época. A loja mudou de lugar no ano de 2002” (onde está até hoje). E embora funcione a pleno vapor atualmente, tempos atrás, Rafa ficou preocupado com o futuro da loja. “Na época do MP3 não nos complicou, não por conta disso, foi muito gradual. Para você ver a ordem de importância das coisas, a vez que nós tivemos mais próximos de uma crise séria, de perigar fechar, não foi nada relativo a isso, foi na maxidesvalorização do Real, no começo de 1999, que tornou nosso produto muito caro. Dependíamos muito de importado, como dependemos ainda hoje, foi um impacto muito grande, e esses últimos anos de crise no país afetaram bastante, mas também foi gradual e nós estávamos melhor posicionados para nos defender... mas é inegável o impacto do MP3 em cima da indústria como um todo, talvez no rock e nas coisas em volta do rock seja menos grave do que em outros sons, por exemplo, é difícil ir na casa de alguém hoje, dos anos 2000 pra cá, e encontrar um cara que tenha uma grande coleção de Axé ou de Sertanejo, é pra demonstrar um comparativo de quem compra. E boa parte da culpa do encolhimento também é das grandes gravadoras, eles não perceberam ainda que se tiver as coisas em catálogo, se mantiverem um catálogo legal, não só de rock, mas de música brasileira boa, existirá interesse e demanda”, explica.

TU TEM O QUE FALAR

Sendo a resistência do rock na Baixada, a Blaster acabou influenciando outras pessoas a seguirem os passos e abrirem lojas temáticas de rock, conforme Rafa comenta “A Sound of Fish ainda existe (outra tradicional loja de Santos), e pipocaram outras duas lojas, a loja do Serginho, aqui do lado, na outra Galeria, que mexe muito com vinil usado, CDs, coisas mais alternativas também, e o próprio Pepinho, da Metal Rock (tradicional loja dos anos oitenta), voltou com uma loja de rockwear, tem memorabilia, bonecos, CDs, LPs, tem um pouco de cada. É um fenômeno que talvez esteja replicando, foram-se as grandes redes, que vendiam para o grande público, e passaram pipocar os buraquinhos, os sebos, as lojas de usados, mais específicas”, mas pondera quando o assunto são as vendas “Tem esse renascimento do vinil, que é positivo, ainda não se transformou em bons negócios, porque o país está enfrentando uma crise muito grande, é um índice de desemprego que nunca teve, e que reflete não só no comércio de disco como em tudo. A economia pro cidadão comum tá lá embaixo, o fato de estarem pipocando lojas ou seguindo adiante lojas antigas, num cenário desses, é positivo, mas daí que esteja uma volta aos melhores tempos, não está, longe disso. Continua sendo uma resistência à crise, você respira, dá pra levar adiante, no azul, mas nada que chegue perto dos melhores momentos que, aliás,



foram espaçados. No caso da Blaster, foi a segunda metade dos anos 90 e os anos de 2005 à 2007, que já era uma época em que havia internet, dava baixar música”. E, atualmente, com tantas informações, estilos e bandas, a procura tem sido bem generalizada, de acordo com Rafa “Hoje tem sido diversificado, não tem uma coisa que seja o negócio do momento, como na época do metal melódico, surgindo Angra, Shaman, ou o lado mais pesadão, Dimmu Borgir, Cradle of Filth ou Children of Bodom, hoje em dia não, está tudo muito espalhado, tem uma demanda muito grande por coisas que as gravadoras não nos dão. Classic rock, hoje em dia, é muito procurado por diversas gerações, e não tô falando de Beatles ou Stones, tô falando de Allman Brothers, Bad Company, Lynyrd Skynyrd e cadê esses CDs? Cadê? Só importado, que fica restrito a quem tem

uma boa condição para pagar, se você tem, por exemplo, os cinco primeiros do Bad Company, lançados nacionalmente, mas numa quantidade cautelosa, que você possa vender a vinte e cinco mangos cada um, sempre vai vender. Pega um AC/DC, se ver pelas letrinhas que indicam as prensagens, você vê que em tese, todo mundo conhece e todo mundo já tem, mas eles vendem bem até hoje! O caminho é, ao invés de pensar dez ou vinte mil ao mês, você manda fazer mil, dois mil, acabou faz mais mil ou quinhentos. Você consegue diversificar”.

**A BLASTER
É UMA ILHA DE
RESISTÊNCIA DO
ROCK NUMA ÉPOCA
EM QUE A MÚSICA
ESTÁ CADA VEZ MAIS
DESCARTÁVEL.**

TU TEM O QUE FALAR

Atualmente, tenho um perfil completamente diferente do que eu tinha há vinte e poucos anos, quando comecei a frequentar a loja. Fiquei imaginando quem costuma frequentar o ambiente “tem um pouco de cada, o grosso de quem vem é freguês, seja recente ou antigo, é um cara cliente, de anos pra cá vem muito menos público casual, ou seja, a pessoa que tá passando e viu, por acaso, o CD e veio comprar. Isso hoje é minoritário, o perfil do cliente é bastante diversificado, é mais masculino, algo comum no rock, mas curiosamente tem muita menina nova de quatorze, quinze anos, comprando, e não é Ed Sheeran, às vezes vem comprar The Cure, é um perfil que vemos muito”, revela. E os clientes já conhecem uma prática comum no Facebook do Rafa, ele sempre posta os discos que estão em destaque na loja “eu não chamo amigos que não sejam da loja, eu só chamo quem quer receber anúncio de CDs. Chegou isso, aquilo é tanto, tem oferta... nesse sentido o Facebook é uma arma muito boa, faz esse meio de campo”, explica. E é sempre uma corrida pelas promoções ou raridades, que algumas vezes são anunciadas no Facebook em apenas uma unidade. Porém, o Rafa é justo, o primeiro cliente que pede para reservar, ele reserva, embora tenham pessoas que tentam suborná-lo “acontece, tem nego que pede, ‘vende pra mim, te pago mais’, mas você tem que manter a credibilidade”, conta rindo.



E vivendo cercado de discos, fica aquela dúvida, se existe tempo para ouvir música em casa. É de conhecimento de todos que ele tem uma coleção de discos respeitável “difícil ouvir, hoje em dia, não ouço nada! (risos). Vejo televisão, mas não tô podendo me dedicar como antigamente. Antes, pelo menos de manhã, eu escolhia um CD ou alguma coisa, tanto da coleção ou coisas que tinham chegado, fora novidades que eu tava ouvindo pela internet, hoje não dá, é como te falei, hoje pra achar coisa legal, realmente tem que se dedicar, ouvir dica de amigo... dá trabalho, não tá mais na nossa cara o que é legal”, conta.

“TEM MUITA MENINA NOVA COMPRANDO, E NÃO É ED SHEERAN. ÀS VEZES VEM COMPRAR THE CURE”. O ROCK RESISTE!



Outros tempos. O tempo passou e ficar aquela hora batendo um papo com o Rafa, na Blaster, foi bastante nostálgico, aquele ar condicionado, o rock tocando alto, as pessoas entrando, as risadas, as conversas, os discos. Não me resta dúvida que a Blaster cumpriu seu papel no cenário do rock santista e ainda tem muita lenha para queimar, muitos amantes da guitarra entrarão pela porta de vidro, comprimentarão o Rafa, meio que forma tímida, e procurarão alguma novidade naquelas pilhas coloridas de CDs. O rock vive em Santos. **TU**

Blaster - Galeria Ipiranga
Rua Fernão Dias, 4 - lj. 8
Gonzaga - Santos

TU NA COZINHA

THAI ATTACK!

COM CHEF DANILO ROCHA

O chef Danilo Rocha vai levar você em uma viagem de sabores pelo sudeste asiático. Embarque nesta explosão de sabores, com uma receita fácil e rápida de fazer.

CURRY DE CAMARÃO THAI

Ingredientes

- 4 camarões rosa
- 1 colher de sopa de pasta de curry vermelho
- 1 colher de sopa de caldo de peixe
- 200ml de leite de coco
- 1 colher de sopa de broto de feijão (moyashi)
- 1 cebola meia em cortada em aros
- Folhas de lima kaffir
- Sriracha a gosto
- 1 xícara de arroz basmati (indiano)
- 1 ramo de tomilho
- Azeite
- Sal e pimenta do reino a gosto

Modo de preparo

Em uma panela, cozinhe o arroz basmati com o tomilho. Tempere com sal a gosto. Enquanto isso, em uma wok (panela oriental) com azeite em fogo alto, passe os camarões. Quando eles estiverem levemente cozidos, adicione os demais ingredientes e deixe engrossar. Sirva com o arroz e bom apetite.

O chef Danilo Rocha comanda a cozinha do Mucha Breja Beer Store, em Santos, é o fundador do buffet Chef Prime: Inteligência Gastronômica e participou do programa Food Truck a Batalha, do canal GNT



HARMONIZE COM TORO DE PIEDRA CARMENÉRE GRAN RESERVA SAFRA 2015 POR NÍCOLAS PÓVOAS

Vinho tinto produzido na região do Vale de Curicó, no Chile. A carmenére é originária da região do Médoc, na França, e se adaptou tão bem no Chile que hoje é a uva emblemática deste país. Vinho de cor vermelho profundo com reflexos azulados. Aroma muito intenso de especiarias, ameixa, cassis, plantas silvestres e café torrado. Na boca apresenta excelente volume com taninos sedosos e notas picantes e silvestres. A uva carmenére é perfeita para harmonizar com pratos bem condimentados e baseados no curry, proporcionando sempre um casamento agradável ao paladar. Servir entre 16°C à 18°C e, se possível, deve ser decantado para abrir ainda mais seus aromas. TU



BIMBA DE LUPULO

POR ALINE ARAÚJO E THAYS CARDOZO

A sigla IPA (se lê "ai-pi-ei") significa India Pale Ale, mas não quer dizer que a cerveja seja feita na Índia. O estilo surgiu na Inglaterra e tinha como principais características ser decididamente mais amarga e sutilmente mais alcoólica do que as típicas e discretas Pale Ales Inglesas.

A primeira IPA que se tem notícias surgiu na Inglaterra e a origem do estilo é bem controversa e cheia de lendas. Acredita-se que da necessidade de fornecer uma cerveja estável e saborosa para os colonizadores ingleses que estavam trabalhando na Índia, os cervejeiros da Inglaterra aumentaram a carga de lúpulo (flor que tempera a cerveja com propriedades bacteriostáticas e antioxidantes, além de conferir aroma e amargor

à bebida) e de álcool (sabidamente inibidor de substâncias patogênicas) para que a cerveja chegasse em boas condições de consumo para os colonizadores. Mais recentemente, tivemos notícias de que a história não foi bem assim e haviam outros interesses na produção desse tipo de cerveja mais encorpado. Entre lendas e histórias, restou um legado precioso: a receita de um estilo de cerveja deliciosamente versátil.

Ela pode ter força alcoólica ou ser levinha, pode ser dourada e límpida, amarela e turva ou ainda negra como uma stout. Tudo vai depender do seu gosto pessoal e da sua sede. Vamos elencar alguns exemplos, desse que é um dos estilos favoritos do cervejeiro santista:

ENGLISH IPA

A mais velha do estilo que, como já vimos, nasceu na Inglaterra. Tem amargor presente, assertivo e elegante, e frequentemente é ladeado por uma base maltada, que equilibra a receita e ainda confere uma coloração que pode variar do dourado profundo até um cobre bem bonito. Os lúpulos aqui utilizados vão fornecer, além do amargor, aromas geralmente florais, herbais e frequentemente terrosos.

AMERICAN IPA

A versão dos norte-americanos transborda atitude! Por frequentemente utilizar maltes mais claros, o destaque neste sub-estilo fica ainda mais evidente para os lúpulos, em geral de origem também norte americana, que conferem aromas frutados, cítricos e resinosos (pinho), além de um amargor frequentemente mais pungente. O amor pelo amargor fez a fama das cervejas americanas, que inclusive incorporaram uma técnica inglesa de adição de lúpulos postumamente à cerveja, com o intuito de elevar os aromas à sua potência máxima. A técnica chamada de dry-hopping é quase uma unanimidade entre as American IPA's.

IMPERIAL OU DOUBLE IPA

Se tem uma coisa que os americanos amam, é exagerar. Seja no tamanho do hambúrguer, da montanha russa ou na quantidade de lúpulos adicio-

nados à receita. As cervejas deste estilo costumam ter amargor e álcool ainda mais altos, se comparados à American IPA. Podem chegar a ter 10% de álcool e mais de 100 IBUS (sigla para International Bitterness Units, que mensura unidades de amargor em uma cerveja, ou seja, quanto mais alto esse número, mais amarga a bebida será).

BLACK IPA

Uma IPA com maltes escuros na sua composição trazendo, além da coloração dos maltes selecionados, complexidade à receita podendo, inclusive, potencializar o amargor, uma vez que os grãos torrados à sua maneira, também contribuem para o sabor amargo de uma bebida.

SESSION IPA

Uma IPA para ser consumida, como o próprio nome diz, em grandes sessões, sem pressa e em grandes quantidades. O consumo nesses moldes exige uma cerveja mais leve em álcool, mas com aromas e amargor de uma legítima IPA preservados.

NEW ENGLAND OU VERMONT IPA

A novidade dos últimos anos é esse estilo surgido também nos EUA, no estado de Vermont, região de New England. Graças a uma levedura especial, a turbidez desse estilo é notável, lembrando muitas vezes um suco de frutas (por isso muitas vezes também é

chamada de Juicy IPA). O aroma é ricamente frutado vindo dos lúpulos e deve ser evidente, dominar a receita. Aqui vale tudo, aromas que remetem a uma explosão de frutas tropicais como goiaba, maracujá, pêssego, abacaxi entre outras.

A leitura te deixou em dúvida de qual é a sua IPA preferida? Então experimente todas e tire suas próprias conclusões. E se a sua primeira IPA não agradou, não se assuste! O amargor pronunciado oriundo do lúpulo realmente pode espantar os paladares desavisados, pois a nossa rejeição ao amargor é instintiva. Mas a IPA vai tornando-se cada vez mais saborosa (para não dizer viciante) a cada novo copo degustado. Dê mais uma chance ao estilo e com certeza você vai se surpreender. **TU**



Aline Araújo é Beer Sommelier formada pela Senac/ Doemens e Science of Beer, cervejeira caseira, membro da 1ª confraria feminina de cerveja de São Paulo, a Maltmoselles e professora da escola Science of Beer. / Thay Cardozo é apaixonada por cerveja e Beer Sommelier formada no Curso de Sommelier e Educação Cervejeira do Instituto da Cerveja.





Mas o nome desta seção é “TU Comeu” e não “Bebeu”. Por isso, vamos falar do que importa, a comida. E, meu amigo, que comida boa. Como o nome da casa já acusa, o cardápio é recheado de pratos casuais. Entradinhas, bruschettas e pizzas individuais (que podem muito bem ser divididas) são o carro chefe, mas há também opção de pratos e massas. Como estávamos em quatro pessoas e a fim de beliscar, fomos primeiro nas entradinhas e não nos arrependemos. Primeiro pedimos a porção de Mini Pastéis de Brie. Seis unidades de pastezinhos recheados de queijo brie e acompanhados de uma geleia de pimenta. Uma delícia! Depois, pedimos o que eu assumo ter sido o melhor bolinho que já comi na minha vida (e olha que já comi muitos bolinhos por aí): Croquetes de Rabada, guarde este nome para quando for visitar a casa! Crocante por fora, cremoso por dentro...

meu Deus do céu! Comería isso a noite inteira, mas precisava provar mais pratos para escrever na revista. Então, pedi uma Bruschetta de Burrata Cremosa, com raspas de limão siciliano e presunto cru. Muito gostoso. O pão, feito na casa, crocante e macio, harmoniza como uma luva com os ingredientes de excelente qualidade que vão encima dele. Serviu de porta de entrada para as duas pizzas que pedimos na sequência. Uma foi meia Marachique (pizza de mussarela que, ao sair do forno, recebe rúculas, presunto cru e lascas de parmesão) e meia Assedium (pepperoni, mussarela de búfala e geleia de pimenta). As duas metades, cada uma diferente da outra, mas igualmente deliciosas. O sal do parmesão, que dissolve na boca, é quebrado pelo sabor da rúcula na Marachique e o pepperoni da

Na página ao lado, a extravagante pizza Francesa, o equilíbrio entre doce e salgado. Ao lado, os saborosos pastéis de queijo brie. Abaixo, o melhor bolinho da Terra, os bolinhos de rabada.



BUBLET CASUAL FOOD

EM SANTOS/SP

por \ thiago souto

Sabe quando você chega em um lugar e sabe de cara que vai ser uma experiência legal, que você provavelmente vai comer com qualidade e ser bem atendido? Bom, foi esta impressão que tive quando fui cheguei no Bublelet Casual Food.

Inaugurada no finalzinho do ano passado na Pompeia, em Santos, a casa é sofisticada e, ao mesmo tempo, informal. O espaço é muito bonito e moderno, com paredes de vidro e azulejos com desenhos geométricos, mas o destaque fica pelo bar, que ocupa toda a parede do andar inferior da casa. O piso do bar é mais baixo do que o resto do espaço, então os clientes que estão sentados no balcão ficam na altura dos bartenders, podendo conversar e observar o trabalho de arte que eles executam nos drinques. Drinques estes que recebem destaque na casa. Nós provamos um Cosmopolitan e uma Caipirinha de Três Limões, mas o bar oferece inúmeros drinques clássicos e autorais. Além disso, também há uma carta de cervejas especiais e a adega com mais de 80 rótulos de vinhos selecionados.



Assedium com um delicioso sabor de erva doce, numa mistura doce e picante. Perfeito! E a outra pizza foi a Francesa, com uma mistura muito doida de ingredientes. Brie, gorgonzola, pêra, uva, nozes, endívia e um molho de mel. Mas é muito bom. Os queijos combinam com o doce das frutas e do mel, daí vem o amargo da endívia... Boom! Explosão de sabor.

Comemos tanto e tão bem que não sobrou espaço para a sobremesa. Agora temos que voltar lá para pedir uma das opções (fiquei de olho no brownie). E voltaremos! Pois não é todo dia que a gente encontra uma comida com tanta qualidade, em um espaço bacana e com atendimento bom, tudo em um lugar só. Muita gente pode falar que lá não é um lugar barato, mas acho que o custo benefício vale muito a pena. Ou vai dizer que você prefere pagar barato para comer barato (no sentido de baixa qualidade)? **TU**

Av. Marechal Floriano Peixoto, 216
Pompeia - Santos/SP
facebook.com/bubleletcasualfood



CONCEIÇÃO DISCOS

EM SÃO PAULO/SP

por \ fernando de santis

Localizado no bairro Santa Cecília, uma região bem gostosa e boêmia de São Paulo, próximo ao Centro da cidade, o restaurante Conceição Discos oferece não só deliciosos pratos, mas também experiências agradáveis, em um ambiente acolhedor e muito familiar. Você pode se perguntar “Por que Conceição e discos?”. Pois bem, o recinto está localizado na rua Imaculada Conceição, e o “discos” é pelo fato de que sempre tem algum tocando e você pode comprá-los enquanto toma um chopp ou almoça.

O local não é grande, se você pensa em ir com muitas pessoas, programe-se para ir cedo ou então não conseguirá sentar juntos e terão que esperar muito tempo, pois a casa sempre está abarrotada. O fato de não ter muitas mesas ou bancos não é um ponto negativo, pelo contrário, isso traz aquela sensação acolhedora que mencionei. Algumas mesas estão espalhadas no fundo do salão e o balcão, na cor verde água, é comprido e com vários bancos, além de um sofá e poltronas na frente, que servem também como local para comer e tomar drinks. Não tomei café da manhã e fui cedo para lá, a ideia era provar o máximo de pratos. Estava sozinho, sentei em um banco, no balcão. Pedi um chopp de trigo, de 500ml e fui garimpar os discos. A mão coçou para pegar um Kinks ao vivo, estava uma barbadada. Também quase comprei um Nação Zumbi ao vivo, no Recife, lacrado, mas o que realmente me deixou

Acima, o prato do dia, arroz de polvo com um ovo perfeito no topo. Na página ao lado, a torta de frango, a preferida da chef e proprietária, Thalita Barros, na foto ao lado.

tentado foi o Dave Brubeck Quartet, jazz da melhor qualidade. A proprietária e chef, Thalita Barros, não havia chegado ainda, então pedi uma tortinha de frango como entrada. Tinha opção de palmito e camarão. Deliciosamente suculenta, e deveras quente, é feita com a carne mais escura do frango (coxa, sobrecoxa), com molho, ervilhas... incrível. Mais tarde, a proprietária me confessou que a torta de frango é a preferida dela, embora a de camarão seja a que mais faz sucesso entre os clientes. Entre um e outro chopp, a proprietária chegou, cumprimentou a todos que estavam na casa e se apresentou aos desconhecidos. O negócio por lá é o prato do dia, arroz com costelinha num dia, baião de dois no outro dia etc, além de ter sempre opção vegetariana de arroz com legumes ou salada. No sábado, o prato é arroz com polvo. Pedi ainda para vir um ovo frito em cima. A cozinha é aberta, em frente ao balcão, assisti a Thalita preparar o meu prato, enquanto trocava ideia com os clientes. Bastante simpática, conversou comigo e posou para fotos, enquanto preparava o prato e no momento em que trouxe meu

almoço. Sempre sorrindo e cantando, Thalita destrói na cozinha, sem miséria alguma, o arroz vem servido em um prato fundo, com muitos pedaços de polvo, bastante úmido, com o ovo frito mais bonito que já vi na vida, parecia cenográfico. Enquanto eu comia, Thalita olhava de rabo de olho, fiz o gesto de que estava incrível e ela abriu um grande sorriso, agradecendo. Com o bigode suando de tanto comer e já cheio com um litro e meio de chopp na barriga, Thalita me perguntou “sobremesa?”, pedi uma indicação e ela falou “pudim!”. Levantei e



fui lá flertar com o vinil do Dave Brubeck Quartet. Tirei do envelope, mídia perfeita, mas guardei novamente na prateleira. Talvez, se tivesse tomado mais um chopp eu o levaria para casa. Nesse momento, a casa já estava cheia, o balcão lotado, sentei e comi o pudim de leite mais gostoso da minha vida, macio, bem cremoso e com muita calda. Olhei pro lado, um rapaz aguardava o almoço sozinho, falei para ele: “não importa o quanto cheio você esteja, quando acabar, peça esse pudim!” e ele concordou com a sugestão. O negócio de todos sentarem próximos e juntos é uma porta aberta para novas conversas e amizades.

Saí de lá satisfeito e feliz por não ter tomado o café da manhã. Impossível não se apaixonar pelo ambiente gostoso que é o Conceição Discos, assim como é impossível não se apaixonar pela simpatia da proprietária e pelos pratos que ela serve. Só me faltou mesmo levar o disco de jazz do Dave Brubeck Quartet. Quem sabe na próxima vez... **TU**



Rua Imaculada Conceição, 151
Santa Cecília - São Paulo/SP
facebook.com/conceicaodiscos

TU NOS OUVIDOS

MÚSICA É ATTITUDE!

Não importa qual estilo musical faz a sua cabeça. O que importa é ouvir algo que passe uma mensagem que te represente ou que tenha uma história para contar, seja através de letras elaboradas ou riffs de guitarra caprichados. Por isso, nesta edição trazemos dois álbuns totalmente diferentes. Um é uma das pedras fundamentais do hip hop e o outro é o lançamento de uma das bandas clássicas do metal britânico. Os dois, recheados de atitude!



THUNDERBOLT

SAXON



Mais de 40 anos depois, a "Nova Onda de Heavy Metal Britânica" (NWOBHM, contemporâneos ao Iron Maiden e Def Leppard, entre outros), não soa mais como nova. Os cabelos compridos e as peles jovens deram lugar para os cabelos brancos, às vezes ralos, e às rugas que apareceram por todos os lados. Porém, no rock, isso muitas vezes é positivo, e o Saxon é como uma boa garrafa de vinho, vai ganhando mais valor e sabor com o passar do tempo. "Thunderbolt" é o 22º álbum dos ingleses, e vem pra provar que Heavy Metal tradicional de qualidade é coisa de tiozão.

reviews
\ fernando de santis

O quinteto vem em plena forma, com Biff Byford nos vocais, Doug Scarratt e Paul Quinn nas guitarras, Nibbs Carter no baixo e Nigel Glocker na bateria. O que chama atenção, logo de cara, é a produção do disco: impecável. Créditos para Andy Sneap, que já produziu bandas como Accept, Arch Enemy, Megadeth, Soulfly, entre outros. Após a intro *Olympu Rising*, a faixa-título abre o disco em uma pegada a la Judas Priest. Confesso que, se eu não estivesse vendo o disco na minha frente, diria que tratava-se banda Halford, tanto pelo vocal de Biff, quanto pelos riffs, com a guitarra naquele timbre "estalado". *The Secret of Flight* começa falando do voo de Ícaro, sim, mesmo tema abordado pelo Maiden em "Piece of Mind", no clássico *Flight of Icarus*, e em *Nosferatu (The Vampire's Waltz)*. Apresentam uma composição mais climática, com presença de órgão, coros vocais, em uma faixa mais cadenciada e mais dark, que quebra o clima de metal tradicional do álbum. Na sequência, vale destacar *The Played Rock n' Roll*, uma digna homenagem ao Motörhead, banda que foi influência

a todos os outros grupos de metal e deixou de existir, depois do falecimento de Lemmy. O título é uma clara referência à frase que o vocalista dizia no microfone, ao início dos shows: *We're Motörhead, and we play Rock n' Roll* (algo como, "Nós somos o Motörhead, e tocamos Rock n' Roll"), com direito à voz de Lemmy, toda rouca, parecendo um Maverick velho, falando a citada frase no meio da música.

Em *Predator*, os britânicos arriscam em um som mais pesado, com guitarra em uma afinação mais baixa, riff carregado em toneladas e uma linha de baixo acompanhando um vocal, que varia do melódico a algo que quase beira ao gutural. E sempre que escutamos um disco do Saxon, esperamos aquela composição mais brilhante, que beira a perfeição, e observamos isso em *Sons of Odin*, em uma obra prima. Vale destacar a oitentista *Sniper*, que nos faz viajar no tempo e sentir um pouco do gostinho dessa década. Dio certamente sorriria ao ouvir essa faixa, além de uma menção honrosa para *Roadies' Song*, que é uma justa homenagem aos roadies de todas as bandas, que fazem todos os shows acontecerem, acordando cedo, montando palco, preparando instrumentos, carregando caixas, configurando iluminação, desmontando tudo e dormindo e dezesseis em camas, dentro do ônibus, como diz o refrão.

Os mais novos talvez não se lembrem, mas o Saxon já tocou em Santos, há quase 20 anos, na extinta Planet Z, na avenida da praia. Esse show e tantos outros milhares que fizeram pelo mundo, além de vinte e dois discos, em mais de quarenta anos de estrada, colocam essa banda no hall das grandes do rock. E se "Thunderbolt" tivesse sido lançado nos anos oitenta, certamente faria frente aos outros álbuns da época.



CLÁSSICO DA TU STRAIGHT OUTTA COMPTON

N.W.A.
LANÇAMENTO | ANO 1988

Esqueça o mundo em que você vive hoje. Na década de oitenta, o mundo era completamente diferente, muitas coisas que atualmente são inaceitáveis, eram cotidianas. Nos EUA, uma onda de violência policial aos negros tomava grandes proporções nas periferias, fato que acabou culminando nos tumultos generalizados de Los Angeles, mais tarde, em 1992. Nesse cenário hostil, californiano, surgia o uma super banda de rap, o N.W.A. (Niggaz with Attitude - algo como "Negros com Atitude").

O N.W.A. era uma seleção: Eazy E, Dr. Dre (sim, aquele dos fones de ouvido), Ice Cube, DJ Yella, MC Ren e Arabian Prince. Todos cresceram na periferia, ao lado da violência, drogas (alguns, praticando o tráfico), gangues, mortes e muito abuso policial. "Straight Outta Compton" é o segundo disco do grupo, mas é O disco. Definitivo na história do rap, chegou como um soco na cara da sociedade americana, que simplesmente dava as costas para a marginalidade que assolava os bairros

mais pobres de algumas cidades. A hostilidade estava em quase todos os versos, na sua grande maioria, escritos por Ice Cube, com ajuda de MC Ren e Eazy E nas rimas. A faixa que abre esse clássico é a faixa título, diretamente de Compton, a casa deles: *Yo Ren / Whassup? / Tell em where you from! / Straight outta Compton!*, um cartão de visitas daqueles. Mas é na segunda faixa que o negócio pega. *Fuck Tha Police* foi a pedra fundamental para que esse disco chegasse a todos os noticiários e fosse motivo de retaliação da polícia estadunidense. Mandar a polícia se foder, sem cerimônia, fez com que todos os holofotes se virassem para os músicos e acabasse sendo uma publicidade ruim. Mas publicidade é publicidade, e conseguiram lotar arenas nos EUA e vender discos, bradando versos como "*A young nigger got it bad 'cause I'm brown*". Uma introdução de sirene policial chama *Gangsta Gangsta*, que vem com um batida mais swingada e com menos baixo evidente. Um grande diálogo entre Ice Cube, Dr. Dre, Eazy E e MC Ren.

If It Ain't Ruff traz um pé nos anos 70, com guitarra cheia de groove e baixo, marcando a melodia num riff hipnotizador, preenchido por scratch providenciais. Seria totalmente dançante, se não fosse N.W.A. Vale destacar a *Express Yourself*, com samples de metais e muitas referências à black music. A composição é uma crítica à censura na liberdade de expressão que os MCs sofriam, principalmente das rádios, que eram praticamente o único meio de divulgação de novos grupos de rap ou MCs. Foram certos nos versos "*Express Yourself... Come on and do it...*", a audácia em revelar toda a violência que os cercava, sem ter medo de sofrerem restrições, fez com que o N.W.A. conseguisse vencer a

barreira da periferia e fosse visto nas classes mais altas. No total, são treze faixas de puro gangsta rap, sempre abordando os mesmos temas de violência, polícia, gangues e sexo. Nem é preciso falar que ganharam na capa aquele selo de *Parental Advisory*, um alerta aos pais de conteúdo inapropriado para os filhos, já que o disco é recheado de temas polêmicos e muitos palavrões.

Em 2018, "Straight Outta Compton" completa trinta anos. Quando completou vinte, o álbum recebeu um edição especial dupla, recheado de bônus. É possível encontrar esse CD e LP pela internet ou no Centro de São Paulo, na Galeria do Reggae, por exemplo. Se você se interessou pela história da banda mais perigosa do mundo, vale lembrar existe o filme "Straight Outta Compton" (lançado em 2015), que conta a história da banda N.W.A. O filme ainda foi indicado ao Oscar como melhor roteiro original. Corra para a Netflix, assista ao filme e coloque esse disco para tocar pois, se o rap que chega às suas caixas de som hoje em dia tem alguma atitude e teor de denúncia, saiba que esses caras foram os grandes culpados por isso. TU

OUÇA ESTES E OUTROS
ÁLBUNS EM NOSSAS
PLAYLISTS NO SPOTIFY.
SIGA TU_REVISTA OU
USE SEU SMARTPHONE
PARA LER O QR CODE ABAIXO!





#EU SOU TU

fotos

\@dani_rodriguesdovalle \@andre.ghaoui \@c3sarsilva
\@anarenathinha \@vastuto_vba \@barbareta
\@bruuupacheco \@paulinhapachelli \@ritualistik
\@carolportoatriz \@assiralnunes \@alexcastro89
\@liza_liza_liu \@marjori.am \@ninagagli
\@didiz87 \@man_leao \@jcmota \@ursulachiovatto
\@skate_eletrico_jlf \@retratista_nate \@15debor
\@gugabarcelos \@elioliveiras \@ysa_menezes
\@bemerlin \@eurobertamartinez \@rmarinho28
\@chef_prime_danilorocha \@fabiano.rch
\@marcialongboard \@danillofp \@vanessacidperes
\@dinnealex \@martinhomarcio \@kaledbarros
\@clicksdosan \@marciamestre \@reenaandias
\@eupaulinha_sts

TU

REVISTATU.COM.BR



/REVISTATUSANTOS